

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Representações sociais de movimentos sociais de ação climática no Twitter - O caso do Climáximo

Sandro Filipe Esteves de Figueiredo

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora: Doutora Susana Batel, Investigadora Auxiliar,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora: Doutora Carla Mouro, Investigadora Integrada,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

iscte

CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Representações sociais de movimentos sociais de ação climática no Twitter - O caso do Climáximo

Sandro Filipe Esteves de Figueiredo

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora: Doutora Susana Batel, Investigadora Auxiliar,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora: Doutora Carla Mouro, Investigadora Integrada,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Agradecimentos

Fico muito grato a todas as pessoas que me ajudaram neste grande desafio que é a dissertação de mestrado.

Primeiramente, quero agradecer às minhas duas orientadoras e conselheiras, que foram determinantes para a realização deste estudo nesta área de interesse.

A professora Susana Batel, que com o seu conhecimento, simpatia e disponibilidade providenciou-me as ferramentas e motivação necessária para terminar este projeto.

A professora Carla Mouro, pela sua preocupação e atenção ao detalhe. Juntamente com a professora Susana, foi imprescindível para o desenvolvimento da dissertação. O seu contributo enquanto coorientadora foi sempre muito útil, agradeço por isso.

Quero agradecer também a todos os docentes e colegas do ISCTE que tive o fortúnio de ter durante estes últimos 5 anos, nada disto seria possível sem vocês.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à minha namorada, mãe, irmão, amigos e psicólogo por todo o suporte e paciência durante todo este processo, por sempre terem acreditado em mim.

Resumo

As alterações climáticas são um dos grandes problemas que a nossa sociedade enfrenta, estando já a ter consequências desastrosas para nós e o planeta. Há uma responsabilidade individual e coletiva de tomar medidas coordenadas para reduzir as emissões e adaptarmo-nos às alterações climáticas. A Psicologia Social e Ambiental tem-se focado e interessado cada vez mais na forma como comportamentos coletivos, como a participação em movimentos sociais, podem causar mudança nesse sentido. As redes sociais, particularmente, têm sido ferramentas essenciais para a eficácia de movimentos sociais relacionados com as alterações climáticas. O presente trabalho exploratório pretendeu contribuir para compreender como são representados os movimentos sociais de ação climática nas redes sociais, focando como estudo de caso uma organização climática portuguesa - Climáximo - na rede social *Twitter*. Para isso, procedeu-se à análise temática a respostas e comentários a 2 *tweets* sobre um protesto da Climáximo realizado na sede da Galp. Os resultados sugerem que as representações do Climáximo presentes nos comentários do Twitter são maioritariamente de discordância, associadas a estereótipos negativos dos/as ativistas como incompetência, inconsistência e preguiça. Foi visto que a representação de incompetência direcionada aos membros do Climáximo é regularmente justificada pela sua idade, sugerindo idadismo na representação dos/as ativistas climáticos. Os resultados sugerem também que formas de ação direta, como a ocupação da sede da Galp, são representadas nestes tweets como antidemocráticas, e devendo ser criminalizadas.

Palavras-chave: Alterações climáticas, Movimentos Sociais, Twitter, Representações Sociais, Análise Temática

PsycINFO codes :

2750 Mass Media Communications

4070 Environmental Issues & Attitudes

Abstract

Climate change is one of the major problems facing our society, and it is already having disastrous consequences for us and the planet. There is an individual and collective responsibility to take coordinated action to reduce emissions and adapt to climate change. Social and Environmental Psychology have become increasingly focused on and interested in how collective behaviors can bring about change in this direction. Social media, in particular, have been essential tools for the effectiveness of social movements related to climate change. This exploratory study aimed to contribute to the understanding of how social movements related to climate change are represented on social media, focusing on a Portuguese climate organization - Climáximo - on the social network Twitter. To do this, we carried out a thematic analysis of replies and comments to 2 tweets about a Climáximo protest held at Galp's headquarters. The results suggest that the representations of Climáximo present in the Twitter comments are mostly of disagreement, associated with negative stereotypes of the activists such as incompetence, inconsistency and laziness. It was found that the representation of incompetence directed at Climáximo members is regularly justified by their age, suggesting ageism in the representation of climate activists. The results also suggest that forms of direct action, such as the occupation of Galp's headquarters, are represented in these tweets as anti-democratic, and should be criminalized.

Keywords: Climate Change, Social Movements, Twitter, Social Representations, Thematic Analysis

PsycINFO codes :

2750 Mass Media Communications

4070 Environmental Issues & Attitudes

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract.....	v
Introdução	1
Capítulo 1: Revisão de Literatura	3
1.1. O estudo das alterações climáticas na Psicologia Social e Ambiental.....	3
1.2. O papel dos movimentos sociais na alteração de comportamentos ambientais e representações sociais sobre as alterações climáticas e ativistas climáticos	6
1.3. Movimentos climáticos e redes sociais	11
1.4. Principais Objetivos de Investigação	13
Capítulo 2: Método	15
2.1. Contexto/Estudo de caso.....	15
2.2. Procedimentos de recolha e análise de dados	16
Capítulo 3: Resultados/Análise Temática.....	21
3.1. Representações sobre o movimento social, participantes e sua ação.....	22
3.2. Representações sobre a Galp e soluções para a redução da emissão dos gases de efeito de estufa.....	30
Capítulo 4: Discussão e Conclusões	35
Referências Bibliográficas.....	41

Introdução

As alterações climáticas são um dos temas mais discutidos e complexos dos tempos modernos. A sua complexidade obriga-nos a ver este tema de uma forma séria e com a tentativa de chegar a uma resolução. Exige que enfrentemos a problemática relacionada com a mudança climática considerando que, mesmo tendo em conta os nossos interesses próprios, é necessária uma ação coletiva a curto prazo e a longo prazo por parte de todos nós. Embora as alterações climáticas possam refletir também ocorrências naturais, resultantes de, por exemplo, alterações na atividade solar, neste momento estamos a assistir a um cataclismo em que 97% dos cientistas concordam que as alterações climáticas são esmagadoramente causadas pelo ser humano (Schneider, 2011).

Durante décadas, e especificamente desde a industrialização, os seres humanos queimaram incansavelmente combustíveis fósseis, com altas emissões de gases de efeito de estufa. O uso de veículos movidos a combustível fóssil, as desflorestações a uma grande escala, a intensificação do uso de energia particularmente no Norte Global, contribuíram para o aumento da quantidade de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera, aprisionando o calor como um cobertor gigante sobre a Terra (Huckelba & Van Lange, 2020). Especialmente nos últimos dez anos, tem cada vez havido maior atuação em relação aos problemas climáticos enfrentados e tem sido apontado como é de uma forma mais colaborativa que precisamos de agir para que sejam encontradas soluções eficazes (Huckelba & Van Lange, 2020).

Particularmente, tem-se verificado um acréscimo no número de jovens que praticam ativismo relacionado com as alterações climáticas, o que pode estar relacionado com a urgência de soluções com a qual pelo menos uma parte da população percebe este fenómeno (O'Brien et al., 2018), sobretudo tendo em conta os crescentes impactos catastróficos para as gerações jovens e futuras. Por seu turno, este ativismo climático jovem tem-se realizado cada vez mais através das redes sociais, com a literatura indicando que as redes sociais são um dos principais meios que influenciam a forma como as alterações climáticas são representadas e que impactos podem ter (Maran & Begotti, 2021). As redes sociais, que têm apresentado um grande nível de crescimento nos últimos 10 anos, revolucionaram por completo a maneira como os nossos sistemas de comunicação funcionam e a forma como a sociedade se desenvolve e dissemina informação. A comunicação tornou-se mais densa, mais complexa, e mais interventiva (Shirky, 2011).

Portanto, a internet surge como uma ferramenta ao serviço dos movimentos sociais, permitindo a rápida divulgação de conteúdos e a comunicação em larga escala (Campos et al.,

2016). Tendo isso em conta, este trabalho propôs-se a analisar como são representados os movimentos sociais climáticos nas redes sociais e que consequências podem advir desse tipo de representações. A literatura tem mostrado resultados diferenciados. De acordo com Farinha e Rosa (2022) verificou-se que as/os ativistas, são geralmente vistos como competentes, mas não calorosos, e são invejados, mas não há desejo por parte dos observadores de se afiliarem a eles/as. Outro estudo afirma que uma forma de ação e argumentação mais radical faz com que haja uma representação dos ativistas enquanto menos calorosos, mas não tem efeito sobre o seu nível de competência (Castro & Rosa, 2023). O efeito desses estereótipos pode ser bastante significativo. Nomeadamente poderá diminuir a abertura de outros cidadãos e cidadãs para se envolverem com ativistas, bem como reduzir a sua vontade de adotar os comportamentos ou causas promovidas pelos ativistas (Burrows et al., 2023).

Neste trabalho, de forma a contribuir para compreender melhor as representações sociais dos movimentos climáticos e especificamente nas redes sociais que, como apontado, pode ter impacto na forma como o público em geral representa e age em relação à crise climática, foi decidido estudar a forma como são representados os movimentos sociais de ação climático no Twitter, usando o Climáximo, uma organização portuguesa, enquanto objeto de estudo. Esta análise irá incidir sobre comentários e respostas a publicações (tweets) da conta do Twitter do Climáximo. Com base nesses comentários, é esperado que se possa adquirir uma maior compreensão de como as representações sociais e estereótipos relacionados com ativismo climático poderão ter impacto nos processos de mudança social.

Nos capítulos seguintes, iremos refletir e fazer uma revisão de literatura sobre o estudo das alterações climáticas na área da Psicologia Social e Ambiental, a importância dos movimentos sociais no sentido de criar mudança social e sobre a ligação entre os movimentos sociais e as redes sociais nesta era de informação. Pretendemos posteriormente analisar o impacto das representações sociais na forma como vemos e representamos os movimentos sociais climáticos e os seus membros, especificamente do Climáximo, na rede social Twitter.

Capítulo 1

Revisão de Literatura

1.1. O estudo das alterações climáticas na Psicologia Social e Ambiental

As tentativas de mudança de comportamentos prejudiciais ao ambiente não têm sido bem-sucedidas - pelo menos não tão bem-sucedidas como precisam de ser, se quisermos parar a forma como a atividade humana está a destruir as suas bases naturais através das atividades que criam alterações climáticas. Isto tem sido cada vez mais apontado pela literatura da Psicologia Social e Ambiental como uma consequência do enfoque que tem sido dado ao comportamento individual enquanto principal responsável da crise climática (Räthzel & Uzzell, 2019).

A psicologia social tem até agora procurado compreender e explicar a relação entre o comportamento humano e as alterações climáticas predominantemente com perspetivas que se centram no indivíduo e na responsabilidade individual. É esta a perspetiva dominante também no quadro da psicologia ambiental (Barth et al., 2021; Batel et al., 2016). Dentro desta perspetiva, há muita investigação que procura descobrir a razão pela qual as pessoas são relutantes em se envolverem em comportamentos pró-ambientais, por exemplo apontando como isso está relacionado com a maioria das pessoas defenderem valores egocêntricos, em detrimento de valores altruísticos ou biosféricos (De Groot & Steg, 2008). Estas perspetivas baseiam-se assim em explicações individualistas, universalistas e inatas para os comportamentos das pessoas, segundo quais, somos inerentemente egoístas (Dawkins, 1976) e pensamos em termos de custos e benefícios económicos individuais. Tendo isso em conta, para estas perspetivas, é a partir de incentivos ou de punições, como multas, que o ser humano pode ser influenciado a ter comportamentos socialmente mais responsáveis.

Noutras perspetivas (e.g., Kurz et al., 2015) a dificuldade de as pessoas adotarem comportamentos pró-ambientais é explicada com base na noção de hábitos. Na psicologia Social os psicólogos usam o termo “hábito” para se referirem a um fenómeno em que o comportamento persiste até ser uma resposta automática a determinados estímulos e contextos. No entanto, alguns desses hábitos podem ser prejudiciais para ações pro-ambientais como o uso excessivo de água (por exemplo, deixar a torneira aberta) e de energia (por exemplo, deixar luzes e aparelhos ligados). Este tipo de comportamentos são realizados com o mínimo de consciência e esforço cognitivo e têm como principal desvantagem o fato de com o tempo e constância se tornarem automáticos e difíceis de mudar (Kurz et al., 2015).

Outra perspectiva é a de que o ser humano realiza comportamentos como um decisor racional, tendo em conta a sua intenção, recursos e controlo comportamental. De acordo com a teoria do comportamento planeado (Ajzen, 1991) é a intenção do indivíduo que o motiva a realizar um determinado comportamento. Como regra geral, quanto mais forte for a intenção de envolver-se num comportamento, mais provável será a sua realização (Ajzen, 1991). Além disso, o desempenho de certos comportamentos também dependerá, pelo menos até certo ponto, de fatores não motivacionais como a disponibilidade de oportunidades e recursos necessários. Na medida em que uma pessoa tem as oportunidades e os recursos necessários, e pretende desempenhar o comportamento, deve conseguir fazê-lo (Ajzen, 1991).

Contudo, e de acordo com Batel et al. (2016) e outros autores (e.g., Rathzel & Uzzell, 2019) há algumas críticas que podem ser feitas a este tipo de perspectivas até agora apresentadas e que focam a responsabilidade individual como causa e solução dos problemas ambientais. Esses modelos pressupõem as pessoas como racionais e apenas preocupadas com custos e benefícios económicos e/ou manipuladas por um contexto externo ao qual respondem através de processos cognitivos automáticos. A crítica provém do fato de que o ambiente é visto como algo estável, que não tem em conta o efeito que o indivíduo possa ter no mesmo, nem a complexidade dos processos socioambientais que coocorrem em simultâneo. O indivíduo e o contexto são vistos como independentes um do outro. Outra das críticas feitas é que as perspectivas teóricas predominantes na Psicologia Social e Ambiental muitas vezes não reconhecem como a história, a ideologia e a comunicação são importantes e devem ser tomados em conta quando estudamos a forma como as pessoas se comportam e agem. É pressuposto que o indivíduo tem controlo total sobre as suas decisões, quando os sistemas socioeconómicos e políticos das sociedades, especificamente do Norte Global, se têm organizado e sedimentado cada vez mais para criar sociedades individualistas e capitalistas, em que precisamente o que é valorizado são os ganhos económicos e os interesses individuais (Batel et al., 2016).

No entanto, tem-se gradualmente verificado uma mudança na forma como a psicologia social e ambiental tem analisado a relação entre o comportamento humano e as alterações climáticas. A psicologia social e ambiental tem-se focado e interessado cada vez mais na forma como comportamentos coletivos e de mudança a um nível mais macro podem ter efeitos no combate às ações climáticas (Rathzel & Uzzell, 2019; de la Sablonniere & Taylor, 2020).

De acordo com Barth (2021), devemos alargar o foco da análise dos comportamentos ambientais da esfera privada, dando mais ênfase a comportamentos coletivos, não responsabilizando apenas o indivíduo pela crise climática, mas antes conjugando as duas formas de perceber o efeito humano nas ações climáticas.

De forma a mitigar os efeitos das alterações climáticas devemos conjugar ações individuais como a reciclagem ou a poupança de água com ações coletivas que exigem pares de forma a ter efeito, como a organização ou participação em protestos relacionados com o ambiente (Fine, 2002), que alertam para a responsabilidade dos governos, empresas, indústria e outras organizações quanto às questões ambientais e propõem alterações nas políticas públicas e leis de forma a fazer face às alterações climáticas.

Uma das teorias clássicas no contexto da ação coletiva é a teoria de mobilização de recursos. Esta teoria tem como base que o protesto social é uma forma racional de grupos mais desfavorecidos promoverem os seus interesses enquanto grupo e ter as suas exigências consideradas por grupos mais poderosos. Esta teoria pressupõe que recursos tais como o número de membros do grupo ou o apoio financeiro facilitam a formação e organização de movimentos sociais (McCarthy & Zald, 1977).

Outra das perspetivas pelas quais podemos abordar os comportamentos coletivos tem por base a teoria de identidade social. De acordo com esta perspetiva, as identidades sociais que derivamos de membros do nosso grupo constituem uma parte importante do *self*. Quando essa base do *self* é uma identidade social específica, a identidade e o comportamento de um indivíduo será influenciado e orientado pelas normas dessa categoria social ou grupo (Fielding et al., 2008). Adaptando a teoria de identidade social ao tópico das ações climáticas, quando os indivíduos se consideram como membros de grupos com objetivos pró-ambientais, consideram também o seu próprio comportamento como parte de uma ação coletiva, em grupo. Isto trará também mais motivação para se envolverem nesse tipo de ações (Barth et al., 2021). A identidade social é considerada como a variável mais importante na ação coletiva, estimulando também outras facetas da ação coletiva, tais como a crença da eficácia coletiva e a emoção associada a um certo grupo (Bamberg et al., 2018). No entanto, estas teorias tendem a focar-se no que leva à formação de movimentos sociais e/ou no que faz com que indivíduos decidam juntar-se a movimentos sociais. Pouca pesquisa até agora se tem focado na análise das representações sociais dos movimentos sociais e de como isso pode ter impacto ao seu apoio e das causas que defendem, com algumas exceções, como os estudos de estereótipos de ativistas apontados acima (Farinha & Rosa, 2022; Castro & Rosa, 2023) e alguns outros que serão discutidos de seguida. Este trabalho pretende contribuir para esta perspetiva, e para isso na próxima secção será discutida a forma como os movimentos sociais podem contribuir para a adoção de comportamentos ambientais e o papel que as representações sociais dos movimentos sociais poderão desempenhar nisso.

1.2. O papel dos movimentos sociais na alteração de comportamentos ambientais e representações sociais sobre as alterações climáticas e ativistas climáticos

O termo “movimentos sociais” é muitas vezes lido e ouvido nos vários meios de comunicação social. E é cada vez mais discutida a sua importância e capacidade de gerar mudanças significativas na nossa sociedade. No entanto, é difícil precisar a sua definição exata, tendo havido debates ao longo dos anos sobre isso.

De acordo com Diani (1992), os movimentos sociais podem ser definidos como redes de interações informais, entre um conjunto de indivíduos, grupos ou associações, envolvidos num processo político ou cultural conflituoso, com base numa identidade coletiva partilhada (Diani 1992: 13)

Uma das definições mais aceites do termo movimentos sociais é a de Tilly e Wood (2015), que define os movimentos sociais como uma série de atos de contestação, exposições e campanhas através das quais as pessoas comuns fazem reivindicações coletivas sobre os outros.

De forma a serem eficazes e bem-sucedidos, os movimentos sociais, sejam eles a longo prazo ou apenas ações singulares, de forma a serem eficazes e bem-sucedidos dependem de imensas variáveis como o grau de interesses comuns dentro de um grupo, da sua identidade partilhada, da sua disponibilidade, da quantidade de recursos disponíveis, do seu poder político e das suas oportunidades e ameaças (Harlow, 2012; Tilly, 1978). As ações dos movimentos sociais podem também ser muito diversas, desde as marchas, vigílias e demonstrações de rua, passando pelas petições, cartas a jornais ou cartazes de divulgação de mensagens em espaços públicos, até ações diretas de sabotagem, boicote e ocupação de espaços e infraestruturas (Plows et al., 2004).

A psicologia social e do ambiente têm-se focado quase exclusivamente no que leva as pessoas a participarem em ações coletivas, estudando a forma como a perceção de eficácia de um movimento e o conhecimento e experiência em outros tipos de movimentos sociais podem ser variáveis predictoras da participação em ações coletivas (Wilkins et al., 2019).

No entanto, o indivíduo comum está cada vez mais a ganhar maior acesso à informação, com mais oportunidades para se envolver e participar no discurso público, e, portanto, também ganhando uma maior capacidade de desenvolver ações coletivas (Shirky, 2011; Wilkins et al., 2019). Ao mesmo tempo, verificou-se que as tecnologias digitais facilitam a disseminação de várias formas de ativismo, incluindo transnacionais, ligando países e culturas (Hautea et al., 2021).

De acordo com O'Brien e colegas (2018), sobretudo os jovens expressam a sua discordância nas redes sociais em relação a questões climáticas através de ações que desafiam

as políticas económicas e sociais habituais das empresas e governos, incluindo a sua ênfase em crescimento económico. Esta discordância é expressa através de tentativas de mudança no poder político e económico das indústrias de combustíveis fósseis e poluidores de carbono através de campanhas de desinvestimento, boicotes, e ações legais que enfatizam a justiça ambiental.

As formas de envolvimento são diversas e vão desde táticas que envolvem os cidadãos que trabalham diretamente para mudar os seus comportamentos individuais, bem como as que envolvem esforços indiretos para provocar mudanças através dos sistemas políticos e económicos, como as greves escolares (Hautea et al., 2021). Líderes e ativistas usam comunicação estratégica durante os movimentos sociais para criar questões e atrair audiências que beneficiem os objetivos do movimento (Wilkins et al., 2019). Além disso, os movimentos sociais climáticos atuais não têm geralmente a organização centralizada do ativismo tradicional, o que traz mais possibilidades para desafiar o controlo dominante dos media tradicionais e mudar o discurso social a um nível sem precedentes (Hautea et al., 2021 Shirky, 2011; Wilkins et al, 2019).

Para ilustrar essas afirmações, podemos dar o exemplo da “Fridays for Future”, um famoso movimento social relacionado com as alterações climáticas, que começou em Agosto de 2018, quando Greta Thunberg, uma jovem de 15 anos, iniciou uma greve escolar pelo clima (Sabherwal et al., 2021). A principal reivindicação do Fridays For Future é implementar o acordo de Paris de 2015, no qual muitos países estabeleceram o objetivo de limitar o aquecimento global a um máximo de 1,5°. O movimento tenta fazer isso ao exercer pressão moral sobre os decisores políticos, de forma que sejam tomadas medidas para limitar o aquecimento global (Wallis & Loy, 2021). No início de 2019 assistimos a um grande número de manifestações e greves escolares por todo o mundo, motivados pela ação da Greta. Isto suscitou debates sobre a urgência do combate às alterações climáticas e as suas implicações a nível social, económico e político (Marquardt, 2020).

Pela revisão de literatura efetuada no contexto desta tese, a investigação que relaciona o compromisso cívico centrado na mudança climática aos resultados ambientais é bastante limitada. O pequeno número de estudos que efetivamente determinam os efeitos do ativismo climático como algo que cria mudança, têm um efeito mais significativo quando as ações e protestos dos movimentos sociais têm impactos diretos sobre as emissões de gases de efeito de estufa (Fisher & Nasrin, 2021).

Alguma investigação da Psicologia Social e Ambiental tem estudado e demonstrado como a forma e as mensagens escolhidas por movimentos sociais e ativistas para comunicarem os

seus objetivos pode ter impacto no modo como o público em geral avalia a sua ação e argumentos, o que por seu turno tem impacto no apoio e adesão do público a essas causas (Batel & Castro, 2015). Por exemplo, Wilkins e colegas (2019), a partir da análise do movimento Black Lives Matter no Twitter, mostraram como o movimento, apesar de revelar alguma ambivalência na definição das causas que representa, utilizou estratégias retóricas que tentaram avançar versões dessas causas o mais inclusivas possível de forma a focarem-se no racismo de uma maneira geral e atraírem mais pessoas para a sua causa. Neste sentido, a forma como os movimentos sociais se apresentam nas redes sociais, os argumentos que decidem utilizar para apresentar as suas causas e a forma como o fazem, pode ter impacto para ganhar mais apoio à sua causa ou, pelo contrário, gerar crítica e distanciamento.

Uma das teorias mais interessantes e mais utilizadas da Psicologia Social para explorar a representação das pessoas de objetos e acontecimentos sociais e como co-criam significados sobre esses, é a Teoria das Representações Sociais (TRS; Moscovici, 1978). De acordo com Moscovici (1978), uma representação social é um sistema de valores, ideias e práticas que tem como principais funções: estabelecer uma ordem que permita aos indivíduos orientarem-se no seu mundo material e social e permitir a comunicação entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para o intercâmbio social e um código para nomear e classificar sem ambiguidade os vários aspetos do seu mundo e da história do seu grupo.

As representações sociais exprimem uma atitude (positiva ou negativa) e crenças associadas em relação a um objeto ou tema e são moldadas pelas interações sociais e pelo contexto cultural de grupos sociais e comunidades (Howarth, 2006). Nesse sentido, podemos ver aqui uma teoria global do indivíduo social (Rateau et al., 2012).

O fato da TRS ser uma moldura teórica importante para a análise da comunicação e discurso de movimentos sociais faz com que haja vários exemplos de estudos que se centram na forma como os movimentos sociais são representados no Twitter usando a teoria das representações sociais.

Um desses exemplos é o estudo de Vitali et al., (2021) que usam a teoria das representações sociais enquanto base do estudo em que analisam a *hashtag* “Vidas Negras Importam” e em que observam que há uma atitude amplamente favorável das pessoas em relação ao movimento social na rede social Twitter no Brasil. No estudo de Veltri e Atanasova (2017) foram criados grupos temáticos de forma a categorizar o tipo de discurso verificado em 60.000 tweets relacionados com as ações climáticas. Os temas definidos estão relacionados com apelos à ação e à sensibilização para as alterações climáticas, as suas consequências e causas, e o debate político sobre alterações climáticas e energia.

Estudos recentes também têm apontado que os novos membros da ação climática são frequentemente retratados como mulheres e homens jovens (Boucher et al., 2021). Foi verificado que os indivíduos céticos em relação ao clima são tipicamente mais velhos, politicamente conservadores, com valores tradicionais e pertencem a um meio socioeconômico mais baixo. Os indivíduos mais jovens, pelo contrário, tendem a dar mais importância aos valores ambientais e, sobretudo quando são oriundos de um meio socioeconômico mais elevado, são menos frequentemente céticos em relação ao clima (Poortinga et al., 2011).

Algumas dessas representações estão também em forma de estereótipos. Um estereótipo é o conjunto de crenças de um indivíduo sobre as características ou atributos de um grupo. Em geral, as características estereotipadas distinguem um determinado grupo de outros grupos. Os estereótipos não precisam de ser negativos e são considerados como exageros ou caricaturas da realidade social (Judd & Park, 1993; Rogers et al., 2020). Além disso também sabemos que pelo menos os estereótipos associados a ativistas podem influenciar o apoio de outras pessoas às suas causas e mudança social associada (Swim & Geiger, 2018). Estes estudos apontam a contradição de que mesmo quando as pessoas acreditam que é importante e socialmente desejável apoiar a mudança social, representando o ativismo e os seus esforços de forma favorável, a própria natureza do ativismo conduz muitas vezes a estereótipos negativos sobre as/os ativistas em si (Bashir et al., 2013; Farinha & Rosa, 2022).

Um dos conteúdos estereotípicos mais estudados é a competência, que está relacionada com traços como ser capaz, eficiente, inteligente (Farinha & Rosa, 2022). Baseado em literatura prévia, quando se consideram as representações relativas aos ativistas e aos jovens em conjunto, observou-se que os jovens são vistos como calorosos, mas incompetentes (e são tratados com condescendência), enquanto, como ativistas, são vistos como competentes, mas não calorosos, são invejados, mas não há desejo de se afiliarem a eles (Farinha & Rosa, 2022). De acordo com Castro e Rosa (2023) os resultados do seu estudo sugerem que a forma de ação realizada, radical ou moderada, tem efeito sobre a forma como os ativistas são percebidos. Foram encontrados dados que afirmam que uma forma de ação e argumentação mais radical faz com que haja uma representação dos ativistas como menos calorosos. Não foi encontrada uma relação significativa com a representação relacionada com a competência.

De particular relevância para a presente investigação, Bashir et al. (2013) identificaram traços de ativismo abrangentes que são largamente negativos ("excêntrico", "excessivamente entusiasmado", "militante") e mostraram que esses estereótipos diminuíram a abertura dos participantes para se envolverem com ativistas, bem como reduziram a sua vontade de adotar os comportamentos ou causas promovidas pelos ativistas (Burrows et al., 2023). Há vários

estudos em que, no que diz respeito ao ativismo dos jovens, é observado que os ativistas operam frequentemente fora das estruturas tradicionais, atuando sem depender de estruturas coletivas, como os partidos políticos (Pickard, 2019). Isso ajuda-nos a examinar um dos principais constrangimentos impostos ao ativismo, a fricção entre os jovens e os adultos, algo que cria barreiras ao apoio e participação no ativismo (Neas et al., 2022)

Esta fricção pode ser verificada através da forma como os ativistas conduzem os seus protestos e na forma como esses eventos são representados pela população, em geral. É possível verificar que um dos principais argumentos usados contra o ativismo climático e os seus membros é o fato de algumas das ações serem demasiado agressivas ou de desrespeito à autoridade (Bashir et al., 2013; Fisher & Nasrin, 2021).

O compromisso dos ativistas com ideais morais específicas obriga-os simultaneamente a transgredir as normas sociais, uma vez que as suas visões entram em conflito com as regras e convenções estabelecidas na sociedade (Lindblom & Jacobsson, 2014). Por conseguinte, podem ser impostas punições legislativas ou sociais à conduta dos ativistas. Assim, uma vez que os ativistas estão empenhados em ideais morais e são vistos como transgressores de normas, representam normalmente não só o desviante ilegítimo ou a pessoa virtuosa da ordem moral, mas ambos. A posição ambígua dos ativistas na ordem moral reflete-se e reproduz-se nas definições oscilantes que o público em geral tem em relação ao estatuto moral dos ativistas (Lindblom & Jacobsson, 2014).

No entanto, também se verificam muitas diferenças tendo em conta a crença e ideologia política das pessoas. A forma como a esquerda e a direita política realizam ativismo difere bastante na forma como utilizam os media digitais. Enquanto a esquerda geralmente combina ações de protesto online e offline com *branding*, o chamado "ativismo hashtag"; a direita tende a evitar o protesto offline preferindo a manipulação dos principais meios de comunicação social e protesto contra e até saída estratégica das grandes plataformas digitais (Freelon et al., 2020).

Bastante polarização política foi observada em questões relacionadas com as alterações climáticas, com os adeptos de políticas mais conservadoras, de direita mais propensos a negar as alterações climáticas e a opor-se a políticas destinadas a atenuá-las (Hoffarth & Hodson, 2016; Stenhouse & Heinrich, 2019). Contrariamente, o ativismo climático está maioritariamente associado a apoiar políticas mais liberais, de esquerda, que visem tomar medidas para travar as alterações climáticas, em particular a noção de que os governos devem controlar e regular a indústria e o desenvolvimento e financiar fontes de energia alternativas. Há a ideia de que os recursos públicos devem ser direcionados para resolver o problema climático e abrandar a sua ocorrência (Fiorino, 2022; Dechezleprêtre et al., 2022).

Preocupações de ser associado à "extrema-esquerda hipócrita" foram consideradas uma barreira à adesão à ação coletiva, mesmo para indivíduos que simpatizam com a causa, e os ativistas que se envolvem em táticas de protesto extremas podem, em algumas circunstâncias, reduzir o apoio público para com um movimento (Burrows et al., 2023).

Em conclusão, os pontos que resumimos brevemente sugerem que a teoria de representações sociais fornece ferramentas teóricas úteis para compreender o significado dos processos através dos quais as pessoas representam movimentos sociais relacionados com as ações climáticas. Nesses contextos, podemos argumentar que os meios de comunicação social facilitam precisamente os processos simbólicos e mediados que se encontram no núcleo da elaboração de novas representações sociais (Sarrica, 2018).

Tendo isso em conta, na próxima secção será explorado a forma como movimentos sociais associados às alterações climáticas têm sido influenciados pelas redes sociais, apresentando alguns exemplos desse fenómeno.

1.3. Movimentos climáticos e redes sociais

A ação coletiva proveniente dos movimentos sociais tem a possibilidade de impulsionar as políticas públicas e provocar mudanças legislativas. É essa capacidade de politização de certos temas no discurso público que ilustra a sua importância e capacidade de exercer mudança (Nardini et al., 2021). Os movimentos sociais facilitam grandemente a mobilização e a participação não só em formas de protesto tradicionais como as manifestações nacionais de rua, mas também são utilizados para criar novas formas de atividades de protesto online, por exemplo através das redes sociais (Van Laer & Van Aelst, 2010).

Tendo isso em conta, estamos em uma era digital em que o acesso e a familiaridade com a tecnologia têm-se tornado um recurso importante para um movimento social bem-sucedido. A importância do espaço digital como um local de debate e discussão tem aumentado à medida que grupos e movimentos vão usando cada vez mais a internet (Rolfe, 2005; Shirky, 2011; Yilmaz, 2017). O mundo da internet, o chamado ciberespaço, tem aberto portas para a ação de protesto. Podemos salientar alguns movimentos sociais como *Black Lives Matter* e *Occupy Wall Street* que reproduziram táticas comuns *offline*, como a proliferação de petições *online* ou as manifestações virtuais. Encontramos também repertórios de ação e que requerem um grau mais elevado de complexidade e que tendem a ter um grau de disrupção mais elevado: temos como exemplos as *leaks*, que são divulgações de informação privada (Campos et al., 2016).

De acordo com Carr e Hayes (2015), podemos definir as redes sociais como plataformas baseadas e construídas na Internet que permitem aos utilizadores interagir e apresentarem-se,

em tempo real ou de forma assíncrona. Estas plataformas poderão ser utilizadas para audiências amplas ou mais seletivas e sua obtenção de valor provém do conteúdo gerado pelo utilizador e a percepção que esses mesmos utilizadores têm da interação com os outros.

Há várias formas de realmente refletir sobre o poder e a influência das redes sociais no crescimento e reforço de movimentos sociais. De acordo com Kidd e McIntosh (2016), podemos dividir a questão em três abordagens diferentes: otimismo, pessimismo e ambivalência. De facto, e como apontam Malafaia & Meriluoto (2023), as redes sociais podem ter consequências controversas, tais como a promoção de formas de participação egocêntricas, o reforço dos valores neoliberalistas e a mercantilização do envolvimento dos utilizadores.

No entanto, é mais consensual a perspetiva de que neste momento as redes sociais servem como uma ferramenta essencial para a eficácia do ativismo relacionado com as alterações climáticas, contribuindo para a distribuição de informação, de eventos, fóruns de participação, e movimentos, sejam digitais ou em algum local específico (Greijdanus et al., 2020; O'Brien et al., 2018). Algum do conteúdo partilhado nas redes sociais pode ser altamente ambivalente: os criadores misturam humor, ironia, sátira e sinceridade de forma que sejam produzidas publicações que podem ser divisivas ou polémicas de modo a captar a atenção dos utilizadores das redes sociais (Hautea et al., 2021; Malafaia & Meriluoto, 2023).

O uso das redes sociais tem provado ser uma abordagem popular para fazer avançar várias mudanças sociais afirmativas através do mundo. O crescimento deste tipo de interação trouxe mudanças significativas na maneira como a comunicação é feita, que só se prevê tornar-se mais intensificada no futuro (Goswami, 2018; Rosa, 2014). Os movimentos revolucionários de hoje certamente incluirão as redes sociais para chegarem a mais pessoas. Atualmente, os alvos dos movimentos revolucionários - governos, militares e polícia - estão também nas redes sociais, o que manifesta também a sua utilização muito eficaz como instrumento de vigilância e pressão política e social (Cammaerts, 2007; Kidd & McIntosh, 2016; Lopes, 2014).

Já o estudo de Harlow (2012) sugere que o uso da internet e das redes sociais tem a capacidade de criar ativismo político. No seu caso de estudo, na América Latina, o movimento, que foi organizado por dezenas de milhares de guatemaltecos somente online, fez nascer uma ação coletiva de justiça e reforma com base nas ferramentas e a interação providenciada pelo Facebook. A disseminação de informação, a sua partilha e a interação entre os seus utilizadores fez com que este movimento inicialmente online passasse para o mundo real.

A plataforma usada para a análise no presente estudo é o Twitter, uma das redes sociais mais populares do mundo neste momento (atualmente designada por X). Os dados do Twitter contêm informação sobre: conteúdo gerado pelos utilizadores, notícias e informação

selecionada de outras fontes e publicadas no Twitter, conversas realizadas sobre o tema com outros utilizadores e as suas relações na rede (Veltri & Atanasova, 2015). O Twitter e a sua estrutura criaram um sistema capaz de relacionar em conjunto milhares de mensagens individuais através da rede (Sharma, 2013; Yang, 2021). Tem havido uma tentativa de compreender como utilizar o *Twitter* para mobilizar e atrair apoiantes de forma eficiente e bem-sucedida (PD Guidry et al., 2014). Os *tweets* muitas vezes partilham as atitudes e sentimentos dos indivíduos sobre determinados assuntos, fazendo com que representações sociais sobre esses assuntos e objetos sociais associados possam ser analisadas através da plataforma (Pindado & Barrena, 2021). Com a ajuda do *Twitter* as pessoas comuns podem partilhar democraticamente as suas narrativas e perspetivas (Mueller et al., 2021).

Na próxima secção irão assim ser sumarizados os principais objetivos do estudo. De seguida, será apresentado o método e os resultados e, finalmente, as conclusões e discussão do estudo.

1.4. Principais Objetivos de Investigação

Antes de passar para a descrição e análise referentes à Metodologia e Resultados, consideramos relevante sistematizar os principais objetivos deste estudo e explicar um pouco a razão pela qual foi escolhido este tema como principal tema de estudo.

Posto isto, a presente dissertação apresenta-se como um estudo exploratório que pretende contribuir para esta área de pesquisa relativa à relação entre movimentos sociais, redes sociais e ações climáticas e tem como objetivo principal perceber como é que o movimento social de ação climática português Climáximo é representado e discutido no Twitter. Para além, de uma maneira geral, esta área não ter sido ainda muito explorada pela literatura da Psicologia Social e Ambiental, foi verificado que o estudo de movimentos sociais portugueses não é algo muito prevalente na literatura e foi por isso decidido fazer o estudo com uma organização portuguesa. Além disso, vemos as redes sociais como um espaço público que deve ser estudado, principalmente, pela capacidade de influência que tem juntamente com os movimentos sociais no sentido de gerar mudança. Para além deste objetivo principal é tentado perceber: 1) São essas representações maioritariamente positivas ou negativas?; 2) De que forma é que essas representações podem ser categorizadas?; 3) Que conteúdos – estereotípicos e não estereotípicos - são mobilizados na construção destas representações?; 4) Que impacto é que as representações do movimento social Climáximo e dos seus ativistas podem ter para a adoção de ações coletivas pró-ambientais por parte da sociedade mais alargada?”

As conclusões retiradas desta investigação poderão ajudar a compreender os efeitos que o Twitter poderá ter na forma como representamos informação, neste caso, relacionada com os movimentos sociais que lutam contra as alterações climáticas, e quais as suas potenciais implicações, tanto em termos do apoio aos movimentos sociais, como à consciencialização sobre a crise climática e dimensões políticas e económicas associadas. Os dados observados e discutidos neste estudo poderão servir para o desenvolvimento, criação e discussão de novas categorias e temas que podem ser usados para classificar e refletir sobre o papel dos/as ativistas climáticos e do movimento climático.

No próximo capítulo será apresentado o método e os principais resultados, para serem depois identificadas as principais conclusões deste trabalho e para as podermos discutir no contexto dos seus contributos a nível teórico e a nível da sua aplicação prática.

Capítulo 2

Método

2.1. Contexto/Estudo de caso

No início da investigação, de forma a definir o movimento social climático português que seria usado como estudo de caso, foi realizada uma pesquisa, usando o motor de pesquisa *Google*, com o objetivo de conhecer e explorar movimentos que se pudessem enquadrar no tipo de investigação que se pretendia fazer. Nessa pesquisa foram encontrados vários movimentos sociais de ação climática, como o movimento climático de greve estudantil, o “Climate Save Portugal”, o “Climate Reality Portugal”, entre outros.

Esses movimentos foram posteriormente alvos de maior exploração, tendo em conta o seu número de membros, a sua presença nas redes sociais e a quantidade de informação e artigos partilhados no seu website. Dessa análise, concluiu-se que existia um movimento social que se destacava dos restantes e seria escolhido como objeto de estudo. Esse movimento social é o Climáximo.

O Climáximo é um movimento social criado em 2014 que se intitula como um coletivo aberto, horizontal e anti-capitalista. São integrantes do movimento internacional pela justiça climática, participando em eventos de escala internacional. A natureza fluida e em rápida expansão do movimento climático significa que existem diferentes perfis de participação: alguns ativistas pertencem exclusivamente a um grupo, enquanto outros circulam entre diferentes grupos. São organizados eventos locais, como marchas e petições, em Portugal. São escritos e partilhados no seu website e nas suas redes sociais, artigos de opinião, slides de apresentações, vídeos e materiais impressos acerca do estado da mudança climática bem como tipos de ações que poderão ser exercidas a um nível individual e coletivo de forma a combater esse problema. Esses artigos são apresentados através da língua portuguesa e inglesa. Por fim, há um separador no seu website que expõe um glossário com definições de palavras e termos relacionados com o ativismo e as mudanças climáticas (Climáximo, n.d)

Ao verificar a conta principal do Twitter deste movimento social, denominada como “ClimaximoPT” foi verificado um grande volume de tweets criados e partilhados. No princípio da investigação foi pensado usar a conferência das ações climáticas das Nações Unidas de 2022 (COP27) e os tweets realizados pelo movimento social português relacionados com esse evento. O debate sobre as alterações climáticas nas conferências de ações climáticas das Nações Unidas (COPs) oferece condições únicas para desafiar o poder tradicional. Estas conferências têm

como objetivo incentivar a comunicação acerca de alterações climáticas entre as principais nações e decisores da nossa sociedade (Wozniak et al., 2016).

De forma a verificar os tweets relacionados com a COP 27 foi usada a ferramenta de pesquisa avançada do *Twitter*. O conteúdo foi filtrado para serem tweets vindos da conta “ClimaximoPT”, com o hashtag “COP27” e com a delimitação temporal de 6 de Novembro de 2022 a 18 de Novembro de 2022, por ser a altura na qual foi realizada a última Conference of Parties. Dessa pesquisa foram encontrados apenas 3 tweets, sem respostas por parte de utilizadores da rede social e, portanto, foi decidido que os dados disponíveis não eram apropriados para realizar a análise desejada.

Após essa fase, foi discutida a opção de alargar a delimitação temporal na funcionalidade de pesquisa avançada do *Twitter*, de forma a ter dados que possibilitassem a sua análise. Tendo isso em conta foi experimentado analisar os tweets partilhados pelo mesmo movimento social, o Climáximo, durante a totalidade do ano de 2022.

Da pesquisa feita, foi verificado que o número de tweets e comentários encontrados é mais ajustado, dando a possibilidade de ter uma investigação mais rica e com dados mais significativos. Logo, foi decidido prosseguir com a consequente recolha e análise desses dados.

2.2. Procedimentos de recolha e análise de dados

Como já mencionado, de forma a recolher informação para a investigação será usada a rede social *Twitter*. A escolha do *Twitter* enquanto plataforma principal na recolha dos dados deveu-se às funcionalidades que a rede social apresenta. O uso da pesquisa avançada da plataforma dá a possibilidade de filtrar especificamente o que se quer pesquisar. A pesquisa pode ser feita através de datas específicas ou por intervalos de tempo, escolhendo diferentes linguagens, usando uma palavra ou grupo de palavras específicas e através de *hashtags*.

O conteúdo usado para a investigação foi filtrado para serem tweets vindos da conta “ClimaximoPT” com uma delimitação temporal de 1 de Janeiro de 2022 até dia 31 de Dezembro, ou seja, a totalidade do ano de 2022.

Da pesquisa que foi realizada resultaram 688 tweets. Foi verificado que desses tweets, o artigo mais antigo a ser encontrado foi publicado no dia 1 de Janeiro de 2022 e o mais recente no dia 30 de Dezembro de 2022.

Foi efetuado um sumário dos tweets da conta do ClimaximoPT no ano de 2022, agrupando-os em categorias que permitissem ter um melhor entendimento acerca dos tipos de tweets que o movimento social português partilha (Tabela 1). Estas categorias resultaram de uma primeira leitura dos tweets criados pela conta do Climáximo no *Twitter*, a partir da qual foi percecionado

um padrão. Esse padrão é consistente ao longo de todos os meses e apresenta uma maioria de tweets associados à promoção de eventos, alguns organizados pelo Climáximo e outros criados por outras organizações relacionadas com as alterações climáticas. Os outros tipos de tweets encontrados regularmente são em forma de opinião e reflexão em relação a temas relacionados com as alterações climáticas. Muitos deles são escritos pelo Climáximo e têm um link para aceder ao seu website e ler o artigo, os restantes são criados por outras organizações ou órgãos de comunicação social.

A tabela 1 apresenta, assim, informação sobre (a) o número total de tweets realizados em cada mês, (b) o número mensal de tweets que serviram para publicitar e informar os seus seguidores de manifestações e ações relacionadas com as alterações climáticas, à qual chamei “Número de Tweets de Publicitação de Ações Sociais”, (c) o número mensal de artigos de opinião e reflexão crítica e (d) uma categoria “outros” que contempla tweets que saem um pouco do padrão observado e têm outro tipo de função ou características. Posso dar como exemplo tweets associados com a recomendação de leitura de livros e alguns cartoons de sátira a fenómenos sociais.

Tabela 1

Tweets do Climáximo durante o ano de 2022 - prevalência e tipologia

Mês	Número total de tweets	Número de Tweets de Publicitação de Ações Sociais	Tweets de opinião e crítica	Outros
Janeiro	49	45 (92%)	4 (8%)	0 (0%)
Fevereiro	22	13 (59%)	8 (36%)	1 (5%)
Março	61	38 (62%)	17 (28%)	6 (10%)
Abril	90	62 (69%)	20 (22%)	8 (9%)
Maio	129	91 (71%)	30 (23%)	8 (6%)
Junho	97	70 (72%)	18 (19%)	9 (9%)
Julho	79	53 (67%)	19 (24%)	7 (9%)
Agosto	49	29 (59%)	4 (8%)	16 (33%)
Setembro	20	17 (85%)	3 (15%)	0 (0%)
Outubro	32	25 (78%)	2 (6%)	5 (16%)
Novembro	41	27 (66%)	9 (22%)	5 (12%)
Dezembro	19	9 (47%)	7 (37%)	3 (16%)
Totais	688	479 (70%)	141 (20%)	68 (10%)

Baseado na tabela apresentada, foi verificado que em todos os meses o maior número de tweets foi associado à publicitação de ações sociais. Os tweets de opinião e crítica também têm um número significativo em todos os meses, o que espelha a sua consistência no plano de comunicação e atuação do Climáximo nas redes sociais. Em relação à categoria denominada “outros”, foi interessante verificar que a partir de Abril o Climáximo começou a postar tweets semanalmente com uma rubrica chamada “sugestões de leitura” em que recomenda artigos, notícias ou livros no âmbito da ação climática. Pode ser interpretada como uma forma adicional de contribuir para a literacia e conhecimento dos seus membros e dos seguidores da organização relativamente a esta temática.

Este tipo de informação pode fazer-nos refletir um pouco sobre o tipo de organização que o Climáximo é e o tipo de ações que prioriza. Tendo em conta o apresentado, percecionamos que há um grande investimento em usar a rede social Twitter de forma a recrutar e sensibilizar os seus utilizadores para eventos associados às alterações climáticas sejam eles criados e implementados pelo Climáximo ou por outro tipo de organizações com um objetivo comum. Há também o esforço de educar os seus leitores ou seguidores do Twitter em relação a temas que vão de acordo com os princípios, objetivos e visão da organização. Alguns desses temas são a justiça climática, o desenvolvimento sustentável, anticapitalismo e o extrativismo.

Este tipo de estrutura e de conteúdo é similar à forma como o Climáximo configura o seu website, tal como foi denotado previamente.

De Abril até Julho há uma maior incidência de tweets, algo que pode ser explicado pelo maior número de ações sociais a acontecer nessa altura do ano. Em relação ao tipo de ações sociais realizadas, durante esses meses posso destacar o acampamento 1.5, uma ação criada pelo Climáximo que ocorreu de 6 a 10 de Julho em Melides e contou com mais de 140 participantes que levaram a cabo uma manifestação dentro da refinaria da Galp em Sines, às ruas de Sines e ao terminal de Gás Fóssil. O objetivo era exigir justiça climática e o cumprimento da meta de limitação do aumento da temperatura média global em 1,5 graus. Esses 4 dias também consistiram em debates e formações.

O conteúdo escolhido para analisar as representações sociais associadas ao movimento social, será as respostas aos tweets. O Twitter é a rede social na qual a informação que recebe mais atenção e que mais circula é baseada na partilha. A possibilidade de estudar estes aspetos e a sua interação é única para as redes sociais e é uma importante oportunidade para a investigação (Veltri & Atanasova, 2015). Portanto, as respostas aos tweets possibilitam que se

possa retirar conclusões e dados que podem ajudar-nos a perceber melhor a forma como o movimento social Climáximo é representado na esfera pública, o objetivo principal do estudo.

Devido ao fato de que a recolha dos dados será feita através de respostas aos tweets, decidi apenas usar tweets que tivessem, pelo menos, 5 respostas por parte de utilizadores do *Twitter* de forma a ter dados mais consistentes. Portanto, desses 500 tweets foram encontrados apenas 2 com o número mínimo de respostas definidas previamente.

Esses tweets foram partilhados durante o mesmo período de tempo (17 e 18 de Outubro) e estão associados a um protesto, planeado e realizado em Lisboa pelo Climáximo, que consistiu no bloqueio da sede da empresa Galp, uma corporação do setor de energia sobretudo de setor fóssil. Esse bloqueio foi efetuado por cerca de duas dezenas de membros do movimento social, colando-se à porta principal do edifício. O objetivo principal da ação foi mostrar a insatisfação em relação ao custo de vida, que de acordo com o movimento é causado pelos lucros elevados de empresas de energia e gás como a Galp. Ao mostrar este tipo de desobediência civil, o movimento procurou pressionar e sensibilizar os decisores políticos a agir contra o crescimento e incentivo na utilização de combustíveis fósseis. Essa ação levou à detenção de três ativistas por parte dos serviços policiais e foi apresentado em alguns meios de comunicação social, como o jornal Público, o jornal Diário de Notícias e o canal de rádio TSF.

Portanto, serão escolhidos esses 2 tweets como fonte de dados para realizar a análise. O primeiro tweet do bloqueio da sede da Galp foi partilhado no dia 17 de Outubro e tem 211 respostas ou comentários. O segundo tweet relativo à detenção de manifestantes na Galp foi partilhado também no dia 17 de Outubro e tem 23 respostas ou comentários. Procurei analisar os dados tendo em consideração a gama de significados representados nas respostas aos tweets do Climáximo. As respostas num tweet são utilizadas para comentar uma publicação e são normalmente utilizadas para criar conversas. Da mesma forma que as menções, elas são criadas utilizando o símbolo @ e são colocadas junto ao nome de utilizador que cria a resposta.

Antes do começo da análise, foram agrupados todos os comentários aos tweets em um documento Excel de forma a facilitar a sua análise. A sua codificação foi feita maioritariamente de duas formas: com padrões que se foram encontrando nas primeiras observações e de acordo com literatura já existente e apresentada na revisão de literatura, ou seja, de forma simultaneamente indutiva e dedutiva.

Um dos aspetos que deve ser mencionado e que foi denotado desde muito cedo na análise dos dados foi o fato de haver bastantes respostas a outras respostas no tweet referente ao bloqueio da sede da Galp. Nesse tweet, das 211 respostas aos tweets, verificou-se que 131 dos comentários são respostas apenas ao tweet original e não tiveram engajamento por parte de

outros usuários, enquanto os restantes 80 são respostas a um comentário que outro utilizador fez. No tweet associado à detenção de manifestantes na Galp, todas as 23 respostas ao tweet são direcionadas ao tweet original.

Alguns comentários e respostas ao tweet original incentivaram o diálogo, de forma consciente ou não, entre os utilizadores da rede social. A maioria desses comentários foi realizado de maneira aberta e crítica, pedindo ou encorajando uma resposta por parte de outros utilizadores. Isto acabou por criar discussões e debates relacionados com as alterações climáticas, que vão além do conteúdo que está presente no tweet inicial.

Isto é interessante, permitindo que haja não só uma boa amostra do tipo de perspectiva e representações sociais associadas ao protesto na Galp, representado no tweet original, mas também a outro tipo de assuntos que vão sendo debatidos entre usuários e seguidores do movimento social, todos em torno dos movimentos sociais e alterações climáticas.

Algumas das respostas foram codificadas utilizando mais do que um tema devido ao seu formato e tipo de conteúdo. Assim, a análise é feita de forma mais completa e abrangente.

Portanto, neste estudo será realizada uma análise temática tendo em base comentários ou respostas a dois *tweets* do Climáximo. A Análise Temática é um método para identificar e analisar padrões de significado num conjunto de dados (Braun & Clarke, 2006). Com este tipo de análise pretendemos entender um pouco melhor a representação de um determinado grupo, neste caso o movimento social português Climáximo e os seus membros e procuramos estabelecer conclusões válidas de pensamento, de sentimentos e de comportamentos humanos. Na próxima secção iremos apresentar os temas e subtemas, definidos a partir de uma análise dedutiva e indutiva dos dados e iremos realizar a sua análise temática.

Capítulo 3

Resultados/Análise Temática

A análise dos dados foi realizada, como escrito previamente, com base no conteúdo das respostas a dois *tweets* do Climáximo relacionados com um protesto na sede da Galp, em Lisboa. Foram seguidos os princípios gerais da Análise Temática (Braun & Clarke, 2006), tendo em conta as características dos dados textuais, e que combinou uma análise dedutiva – com base na revisão de literatura apresentada – e indutiva – com base em temas e subtemas encontrados nos dados e não antecipados com base em investigação anterior.

Nos excertos iremos tratar o tweet referente ao bloqueio da sede da Galp como *Tweet 1* e o *tweet* relacionado com a detenção de manifestantes será identificado como *Tweet 2*.

Esta análise permitiu identificar 5 temas principais presentes nos tweets, tendo depois cada um dos temas alguns subtemas de forma a especificar a codificação aplicada a cada um dos comentários. Estes cinco temas remetem para representações sociais associadas ao movimento social, aos seus membros e à sua ação (temas 1, 2 e 3) e para representações sociais sobre a Galp e soluções para a redução do preço do petróleo (temas 4 e 5).

Tabela 2

Temas e Subtemas utilizados na análise temática

Temas	Subtemas
1) Atitude em relação ao bloqueio da sede da Galp	1.1) Movimento social deve ser apoiado (Concordância) 1.2) Movimento social é criticado (Discordância)
2) Estereótipos sobre os/as ativistas	2.1) Contradições dos protestos: causa coletiva pró-ambiental vs. estilos de vida individuais consumistas 2.2) Os/as ativistas são incompetentes (Incompetência) 2.3) Os/as ativistas são preguiçosos (Preguiçosos)
3) Crenças Políticas sobre o bloqueio e responsabilidade pela crise climática	3.1) Bloqueios como ação democrática 3.2) Bloqueios como ação antidemocrática 3.3) Governo enquanto principal responsável pela mudança climática (Culpabilização do governo)

4) Soluções para a redução da emissão dos gases de efeito de estufa	4.1) Baseadas no uso de energias alternativas 4.2) Baseadas no aumento de impostos sobre os combustíveis fósseis
5) Representações sobre a Galp/empresas petrolíferas	5.1) Defesa da Galp como imoral/corrupta 5.2) Petrolíferas como as principais responsáveis pelas alterações climáticas

Para começar, é importante referir diferenças verificadas entre os 2 tweets escolhidos. A mais evidente reside no fato do tweet associado ao bloqueio da sede da Galp ter muito mais comentários (211) do que o *tweet* relacionado com a detenção dos manifestantes (23). Em termos de conteúdo, o tweet referente à detenção dos manifestantes apenas tem presentes respostas associadas a 3 temas, a atitude em relação ao bloqueio da Galp, estereótipos sobre os ativistas e crença política, ou seja, com conteúdos focados na representação social associadas ao movimento social, aos seus membros e à sua ação. Outro dos aspetos importantes é o fato de dentro do tema da atitude em relação ao *Tweet 2*, relacionado com a detenção de manifestantes, todos os 23 comentários serem de discordância ao *tweet* original. Apesar do *tweet 1*, referente ao bloqueio da sede Galp ter tido respostas maioritariamente de discordância, no *tweet 2* isso torna-se ainda mais prevalente.

3.1. Representações sobre o movimento social, participantes e sua ação

O tema com o qual irá ser começada a análise foi denominado de atitude em relação ao bloqueio da sede da Galp. A atitude pode ser definida como uma avaliação de uma determinada entidade, ação ou objeto com algum grau de favorecimento ou desfavorecimento. A atitude pode, portanto, ser entendida como uma avaliação do comportamento e dos seus resultados (Verplanken & Orbell, 2022).

Foram tidas em conta dentro da dimensão da atitude, dois subtemas, uma atitude positiva que tem como objetivo apoiar e encorajar uma ação/comportamento específico, denominada de concordância. E outra que tem como objetivo espelhar ou apresentar uma opinião negativa ou adversa em relação ao tweet ou a comentários de outros utilizadores, denominada de discordância. Tendo em conta esta categorização, todos os comentários foram alvo de classificação. De forma geral, foi analisado que um número significativo de respostas ao *tweet* foram de discordância, havendo menos exemplos de concordância, seja em relação ao tipo de

ação realizada, seja aos ativistas climáticos. Portanto, tendo em conta que os comentários de concordância com o movimento social foram mais reduzidos vou começar por apresentar agora alguns desses excertos:

Extratos 1:

1: *Força! Obrigada pela vossa entrega à causa e por lutarem pelo futuro de todas as pessoas, até daquelas que vos atacam com mais veemência e indignação do que a que (não) demonstram contra a inação climática do nosso governo! Não posso estar fisicamente, mas apoio a vossa ação! 🙏 (tweet 1)*

2: *Criminoso é o aproveitamento da Galp da crise e do enorme contributo para o Caos Climático aqui e no Sul Global. (tweet 1)*

3: *Gostava de ver na assembleia tbm. Abraço (tweet 1)*

Nestas respostas ao tweet conseguimos verificar um incentivo à ação do Climáximo, tanto à ação social como aos ativistas que participaram nela. No primeiro excerto, denota-se, inclusive, uma certa identificação com a causa e uma crítica à forma como o governo lida com as alterações climáticas. No segundo excerto há um apoio claro a este protesto específico, realizado na sede de Galp, relacionando isso com a luta contra as mudanças climáticas. Há uma representação da Galp e das petrolíferas como causadoras de dano, algo que irá ter o seu próprio tema e irá ser debatido na análise. O terceiro excerto, suporta a ação direta na sede da Galp, recomendando uma ação similar em um edifício governamental, mostrando insatisfação com o governo. É de salientar que os comentários inseridos no tema de concordância são mais superficiais, geralmente curtos e menos elaborados do que os de discordância. Além disso, como referido previamente, são em número significativamente mais reduzido nas respostas a ambos os *tweets*. Ademais estão muitas vezes conectados com outros temas, na qual se destaca, por ser mais prevalente, o tema das soluções e o subtema da ação democrática.

Em estudos prévios observou-se um elevado grau de polarização nas atitudes, na qual os utilizadores mais ativos nas discussões em linha sobre as alterações climáticas tendem a ter atitudes fortes (ativistas ou cétricas) e os pontos de vista neutros e as opiniões neutras estavam largamente ausentes (Williams et al., 2015). Isto pode ser comprovado na nossa análise, com a maioria das respostas e comentários a serem bastante polarizados, por vezes até insultuosos, e a serem direcionados para visões extremistas, radicais de suporte ou discordância com a ação do Climáximo. Tendo isso em conta, apresento agora dois excertos que acho interessante serem explorados devido à sua discordância com a forma de ação do Climáximo:

Extratos 2:

1: *Antes de se irem colar aos vidros e fazerem figurinhas tristes, deveriam tentar perceber o que se passa e o que nos trouxe até aqui... (tweet 1)*

2: *Crimes de vandalismo e atentado à propriedade privada devem ser punidos com castigos exemplares. (tweet 1)*

Como se pode verificar estes dois excertos apresentam uma atitude de discordância em relação à ação do Climáximo. É visível em ambos os excertos que há um conflito diretamente relacionado com a forma como a ação social ou o protesto foi realizado. No primeiro excerto, é demonstrado um atrito com o fato dos ativistas do movimento social português se terem colado à sede da Galp. Além disso, o movimento social é acusado de não saber o que está a fazer e estar apenas a prejudicar a sua imagem. No segundo excerto há uma ênfase mais específica em representar a ação realizadas como algo que tem de ser criminalizado e não deve ser aceite na nossa sociedade.

Iremos agora analisar o tema no qual mais comentários foram codificados, os estereótipos em relação aos ativistas.

Como apresentado na revisão de literatura vamos abordar os estereótipos neste estudo como sendo um conjunto de crenças socialmente partilhadas sobre as características ou atributos de um grupo (Judd & Park, 1993; Rogers et al., 2020). Enquanto subtemas para esta dimensão temos: inconsistência; incompetência/competência; idadeismo e preguiça.

O subtema denominado de inconsistência tem base num padrão verificado ao longo da observação dos tweets em que se constatava que muitos dos comentários mencionavam de forma direta e indireta uma certa contradição na maneira como os protestos foram conduzidos. Essa inconsistência tem enquanto base a causa coletiva defendida pelos ativistas e a contradição com aquilo que é assumido que é o seu estilo de vida individual enquanto jovens e de classe média-alta, como são representados. A ligação entre a vida individual de um ativista e a sua pertença a um grupo, neste caso um movimento social pró-ambiental, foi algo bastante enunciado e discutido em vários comentários entre os usuários da rede social, como evidenciado nos extratos abaixo:

Extratos 3:

1: Watermelons everywhere. Go to work, go to the library or go to the gym. Fix yourself before you try to fix the world. (tweet 2)

2: A crise do custo de vida e preocupações climáticas escritas através de um iPhone. Sim, pq o aparelho e os seus componentes caíram do céu, a refinação do lítio nem é algo poluente e o Iphone é o smartphone mais barato do mercado. Ainda bem q ninguém vos leva a sério (tweet 1)

Portanto, verifica-se aqui nos dois excertos uma crítica direta ao alegado estilo de vida individual de um ativista climático. No primeiro, está implícito que os ativistas têm de organizar a sua própria vida e serem consistentes e integrados na sociedade, não tendo a capacidade de ter algum tipo de influência na sua ação social em relação ao mundo sem tratarem da sua própria vida previamente. No segundo excerto, o usuário não encara de forma credível o movimento social devido ao fato de que o tweet foi publicado usando um *Iphone*, que refere ser um telemóvel muito poluente e com efeito negativo no ambiente. Além disso, também há uma referência ao preço do telemóvel, o que implica que os ativistas são privilegiados ao poder comprar este tipo de aparelho eletrónico.

Outro das subtemas apresentados é a incompetência/competência. A competência é um conteúdo estereotípico bastante comum na literatura relacionada com o ativismo climático (Bashir et al., 2013; Burrows et al., 2023; Castro & Rosa, 2023; Farinha & Rosa, 2022). No entanto, nos dados analisados encontraram-se maioritariamente comentários alusivos à sua versão negativa, a incompetência. Dando algum enquadramento com a literatura prévia, vamos assumir a competência como uma dimensão relacionada com traços como ser capaz, eficiente, inteligente ou competente (Farinha & Rosa, 2022). No extrato abaixo apresento um dos poucos exemplos de competência nos comentários aos tweets:

Extratos 4:

1: Ainda bem que os manifestantes não fizeram nada do que referes e sabem manifestar-se em sociedade, filhote. (tweet 1)

Portanto, neste extrato verificamos que houve uma representação dos ativistas climáticos associados ao Climáximo enquanto competentes. Este comentário é uma resposta direcionada não ao *tweet* mas sim a um dos usuários da rede social. Há uma defesa da ação social realizada pelo movimento social português, afirmando que o protesto foi realizado de acordo com a lei e que foi pensado de forma que o objetivo da manifestação fosse atingido sem causar dano a

terceiros. Apesar de haver este comentário a representar os ativistas enquanto competentes, essa posição é uma minoria, já que há uma representação significativamente mais prevalente dos membros do movimento social como incompetentes, como ilustram os extratos seguintes:

Extratos 5:

1: Antes da manifestação convém fazer o trabalho de casa. Deveriam perceber que o lucro vem de negócios diferentes. (tweet 1)

2: Querem energia verde e pagar pouco, também gostava, mas não é possível lamento, por outro lado, miúdos que não percebem como funciona a economia, como podemos evoluir sem conhecimento, apenas com a propagando comunista como solução, mas isso nunca resultou nem vai resultar! (tweet 1)

3: Urbano deprimidos que usam iPhone... Quem pode resolver a crise climática são engenheiros, investidores e políticos, não os activistas. Ganhem juízo. (tweet 1)

Nestes três excertos, apresentamos comentários que codificam o movimento social e os seus membros enquanto incompetentes.

No primeiro excerto temos a indicação de que o movimento social português e os seus membros não entendem bem o porquê de estarem a fazer o protesto. Que todo o argumento por detrás da manifestação está errado, o que denota uma noção de incompetência, de confusão e falta de estudo em relação a este tema relacionado com o lucro de empresas petrolíferas.

No segundo excerto, há novamente essa noção de falta de entendimento e incompreensão por parte do movimento social e os seus ativistas, mas nesta situação em específico relativa ao porquê das fontes de energia que são usadas neste momento serem ainda combustíveis fósseis. É transparecido que essa mudança para fontes de energia alternativa por preços baixo é irrealista e que deve ser revista.

No terceiro excerto, encontramos um dos conflitos mencionados previamente, verifica-se que os ativistas acusados de inconsistentes, neste caso por terem um *iphone*, uma ferramenta que alegadamente é muito poluente e negativa para o ambiente. Mas também se verifica que há uma assunção de que os ativistas e movimento social português são incapazes, impotentes no sentido de criar mudança e que isso só poderá ser feito por parte de pessoas que tenham posições profissionais de maior estatuto e com maior poder. O observado neste estudo vai um pouco contra a literatura encontrada sobre os ativistas, na qual estes são vistos como competentes, mas não calorosos, e são invejados, mas não há desejo de se afiliarem a eles (Farinha & Rosa, 2022). Além disso, também foram encontrados resultados a demonstrar que uma forma de ação mais

radical não teve impacto na representação de competência por parte dos ativistas (Castro & Rosa, 2023). A análise aos comentários aqui examinados revelou, no entanto, que a maioria dos usuários que comentaram nos *tweets* analisados representam os ativistas do Climáximo enquanto incompetentes, diferente do que a literatura prévia menciona. Além disso, parece existir uma ausência de vontade, por parte da grande maioria dos usuários que comentou, em afiliarem-se ao movimento social português, algo que vai de acordo com a literatura.

O subtema denominado como preguiçosos, vai ser definida como algo associado à aversão a trabalho. A ideia de que os ativistas pertencentes ao movimento social português não querem fazer nada e não gostam/ não querem trabalhar é algo recorrente e que fez parte de um número significativo de respostas ao tweet. De forma a mostrar essas representações, podemos dar o exemplo dos seguintes excertos:

Extratos 6:

1: *get a job (tweet 1)*

2: *se fosse para irem trabalhar ficavam 🙄🙄🙄. Figurinhas tristes. (tweet 1)*

3: *se fosse pra vir trabalhar, já ninguém vinha.. (tweet 2)*

4: *Às 8,30 da matina e já de pé? (tweet 1)*

Estes 4 comentários ao tweet original representam bem o que foi mencionado previamente. Verificamos por parte de vários utilizadores da rede social um discurso bastante pejorativo para com os indivíduos que participaram na ação contra a Galp e a forma como agiram. De acordo com os comentários podemos concluir que os ativistas climáticos são representados enquanto indivíduos que não querem trabalhar, que são preguiçosos, que só querem dormir, estereótipos que são também muitas vezes associados a jovens das gerações atuais (Hilfinger et al., 2008).

Foi identificado de forma indutiva, com base nos dados analisados uma relação entre a incompetência e a idade dos ativistas. Foi visto que a representação de incompetência direcionada aos membros do Climáximo é regularmente justificada pela sua idade, sugerindo idadismo na representação dos/as ativistas climáticos. O idadismo é um fenómeno que expressa o preconceito baseado na idade (Gendron et al. 2016). As representações mediáticas dos jovens com base na idade têm recebido menos atenção por parte dos académicos quando comparado com os adultos mais velhos. Alguns estudiosos detetaram representações mediáticas negativas dos jovens como carentes de calor humano ou centradas no crime. Apesar de ter vindo a ser estudada sobretudo em relação a estereótipos negativos e discriminação associada sobre pessoas idosas (Marques et al., 2020), neste caso identificam-se estereótipos negativos,

condescendência e discriminação em relação aos jovens, como ilustrado nos extratos abaixo (ver também extrato 4.1; extratos 5.1 e 5.2):

Extratos 7:

1: A criança não tem pais? (tweet 1)

2: normal o futuro é de quem trabalha e entrega alguma coisa a sociedade, não de um grupo de adolescentes histéricos a imitar o que de pior se faz lá fora. (tweet 2)

3: O menino ficou zangadinho 🤔. Vocês não gostam de ouvir a realidade e não sabem viver em democracia. (tweet 1)

No primeiro excerto, há esta ideia de que os ativistas não podem ser levados a sério porque são ainda crianças que necessitam de supervisão por parte dos seus pais. No segundo excerto, é apresentada a noção de que são jovens com histeria, que não sabem como a vida funciona, não têm experiência de vida e que são influenciados a agir desta forma por parte de organizações e informação externa. No terceiro excerto há por parte do usuário um comentário humorístico relacionado à idade e direcionado a um dos membros do movimento social português. Além disso, é apresentada a ideia de que o Climáximo e os seus membros não estão em contato com a realidade e não sabem realmente as consequências do que estão a fazer.

Portanto, apesar de neste estudo a ideia de que há representações negativas dos jovens nas redes sociais (Bergmann & Ossewaarde, 2020). Isto pode ser bastante prejudicial, já que o perfil do ativista no atual movimento climático é maioritariamente composto por uma geração mais jovem. Os novos membros da ação climática são frequentemente retratados como mulheres e homens jovens (Boucher et al., 2021). No entanto não é algo novo, já que essas representações foram observadas nos jornais, no Twitter e noutras plataformas mediáticas em vários países (Bergmann & Ossewaarde, 2020).

Outro dos temas principais está associado a Crenças Políticas sobre o bloqueio e responsabilidade pela crise climática. Para este tema iremos codificar comentários relacionados com política, incluindo políticas, políticos, partidos políticos e tipos de governo (Greenberg & Jonas, 2003). Este tema será dividido em três subtemas. O primeiro refere-se aos protestos que envolvem sabotagem ou ação direta serem vistos como democráticos, denominados de Ação Democrática e o segundo ao seu oposto, protestos que envolvem sabotagem ou ação direta representados como antidemocráticos, denominado de Ação Antidemocrática. O terceiro subtema estará associado à culpabilização do governo e das suas políticas, denominada de

Culpabilização do Governo. Os seguintes excertos exemplificam os dois subtemas associados à ação democrática e antidemocrática:

Extratos 8:

1: Fechar as portas da empresa, e invadir e danificar qualquer propriedade não é manifestação. É crime e deve ser punido. Respeitem o que chamamos viver em sociedade. (tweet 1)

2: se querem manifestar façam-no em espaço privado que detenham ou em espaço público sem causar desordem. Não o podem fazer em espaço privado que não lhes pertence e impedir o acesso de outros a esse espaço. Não passam de carentes de atenção. (tweet 1)

3: Como é que as pessoas podem apoiar? Aparecendo? Que se pode trazer? (tweet 1)

4: Aparece na esquadra 20 (benfica) para apoiar as 3 ativistas detidas 🍷 (tweet 2)

Nos dois primeiros excertos temos opiniões de discordância em relação à ação direta praticada, vista como antidemocrática. No terceiro e quarto excerto temos opiniões de suporte à ação direta, vista como democrática. Não houve um grande número de comentários que considerassem a ação social como democrática, o que vai de acordo com o observado em termos da atitude nos comentários, com mais discordância do que suporte da ação e dos ativistas envolvidos.

Voltando aos dois primeiros excertos, há a ideia de que existem limites à ação dos movimentos sociais e dos seus ativistas. As regras devem ser sempre obedecidas e, portanto, a exploração ou entrada indevida em espaços privados deve ser punida e até tratada como um crime. Esta ideia vai de acordo com literatura apresentada previamente, um dos principais argumentos usados contra o ativismo climático e os seus membros é o fato de algumas das ações serem representadas como demasiado agressivas ou de desrespeito à autoridade (Bashir et al., 2013; Fisher & Nasrin, 2021). Alguns estudos têm apontado que ativistas que se envolvem em táticas de protesto extremas podem, em algumas circunstâncias, reduzir o apoio público para um movimento (Burrows et al., 2023).

Em relação ao terceiro e quarto excerto, há um claro apoio ao protesto realizado de forma direta. No quarto excerto é feita a sugestão de ir à esquadra, de forma a apoiar membros do Climáximo que foram detidos. No terceiro excerto, há um questionamento sobre como se poderá fazer parte do movimento social e ser mais um dos indivíduos que pode contribuir para a causa e a luta contra a mudança climática, e, neste caso específico contra a Galp e as

petrolíferas. Pelo contrário, outros extratos culpabilizam o governo e não a Galp pelo aumento do preço dos combustíveis fósseis e crises associadas, como ilustrado nos extratos abaixo:

Extratos 9:

1. Isso é um crime cometido pelo Estado não pela Galp, nem outras empresas privadas. (tweet 1)

2. Poderiam ter ido protestar em frente ao ministério das finanças pelas receitas recorde! O desastre humanitário provocado por governos que vivem acima das possibilidades da sociedade é um evento permanente nos livros de história. Devem também agradecer o petróleo na cola que usam. (tweet 1)

Verifica-se que estes dois excertos estão associados a uma culpabilização direcionada ao governo. No primeiro excerto, isso está ligado à defesa e desculpabilização da Galp e das empresas petrolíferas. No segundo excerto, é apresentada uma discordância em relação à quantidade de impostos exigidos pelo governo, que de acordo com o usuário, está a enriquecer à custa disso.

3.2. Representações sobre a Galp e soluções para a redução da emissão dos gases de efeito de estufa

Nesta segunda parte da análise iremo-nos focar nas representações sobre a empresa alvo do protesto, a Galp e outras empresas petrolíferas e em soluções que foram sendo apresentadas como forma de reduzir a emissão dos gases de efeito de estufa. Ao contrário dos 3 temas anteriormente apresentados estas representações não são direcionadas ao movimento social português e aos seus membros. Foi verificado de forma indutiva, com base nos dados analisados, que são realizadas opiniões em relação às empresas petrolíferas e que vão sendo apresentadas soluções relacionadas com as alterações climáticas. Tendo isso em conta decidimos codificar comentários como estes 2 temas, como será visto nos excertos seguintes.

O primeiro tema está associado à Galp, empresa que foi alvo de protestos por parte do Climáximo e a outros tipos de empresas petrolíferas. Esta tema foi denominado de Representações sobre a Galp/empresas petrolíferas.

Portanto, tendo isso em conta foram definidos dois subtemas: na primeira, a Galp e as Petrolíferas são indicadas como as principais responsáveis pelas alterações climáticas, e na segunda a defesa da Galp e petrolíferas é vista como imoral/corrupta.

Extratos 10:

1: O Greenwashing em toda a sua parvoíce. Ora a GALP que refina 100% dos combustíveis fósseis e é um dos seus maiores retalhistas em Portugal (fora a extração) é uma empresa sustentável? Acredita mesmo nessas parvoíces. @MarcoPassadouro, não acredita? (tweet 1)

2: Estão a protestar contra estarmos refêns de uma forma de energia que além de cara polui para o benefício de um punhado de pessoas, não percebes? (tweet 1)

3: Mas qual desordem, houve alguma desordem? Tem juízo e continua a defender os criminosos do Clima. Sim carente de atenção toma lá alguma. Triste. (tweet 1)

O primeiro excerto apresenta uma resposta que enuncia a defesa da Galp como algo imoral/corrupto, o segundo excerto apresenta um comentário que classifica a Galp e as empresas petrolíferas como causadoras de dano e o terceiro excerto apresenta uma combinação de ambos, perceciona a Galp e as petrolíferas enquanto criminosas e imorais. Curiosamente, todos estes comentários são direcionados a outras respostas ou comentários e não ao tweet principal. Portanto são comentários que pretendem dar suporte ao Climáximo através de crítica direta a empresas petrolíferas.

No primeiro e terceiro excertos é apresentada uma visão de defesa ao movimento social Climáximo e ao seu protesto direcionado à Galp. Esses comentários estão a criticar a opinião de outros usuários que protegeram e apoiaram a empresa de energia portuguesa. No primeiro excerto é observado há uma referência que a Galp praticou *greenwashing*, uma alegação ambiental sobre algo que a organização está a fazer com o objetivo de promover uma sensação de impacto ambiental que não existe (de Freitas Netto et al., 2020). Portanto, tal como o tema enuncia, a defesa de uma empresa que provoca tanto dano é imoral, não deve ser feita.

No segundo excerto verifica-se uma resposta bastante emotiva, de alguém que parece se identificar bastante com a causa, enaltecendo que devemos mudar as formas de energia utilizadas hoje em dia devido à quantidade de dano que está a causar ao ser humano e ao nosso planeta. Pode-se também associar esta resposta a um dos subtemas discutidos previamente, relativa ao uso das energias alternativas enquanto solução para o gradual abandono de combustíveis fósseis.

No terceiro excerto, temos uma combinação de ambos os subtemas. Verifica-se que é uma resposta a outro comentário que acusou o Climáximo de criar desordem com o tipo de protesto que foi efetuado. Esse foi um dos aspetos que foi contestado por um membro do movimento social português que acusa essa pessoa de defender uma empresa que causa dano, e de acordo

com as suas palavras, é criminosa. No fim do comentário existe também uma menção ao fato que o que esse comentário pretende é receber atenção de outros indivíduos, mais do que fazer uma crítica fundamentada ao movimento.

Para finalizar, o último tema foi denominado como solução. Para este estudo vamos definir a solução como uma proposta, dada em forma de comentário ou sugestão que serve para que os problemas aqui discutidos possam ser resolvidos ou mitigados. Tem como objetivo final a resolução e a capacitação de indivíduos ou grupos relativamente a um problema, para que estejam mais habilitados depois do comentário do que antes do mesmo (Niculae & Danescu-Niculescu-Mizil, 2016). Neste caso específico, a solução teve enquanto problemática o que fazer em relação ao uso de combustíveis fósseis, um dos principais responsáveis no aumento de gases de efeito de estufa na atmosfera.

Foi decidido dividir os comentários associados a uma solução em subtemas que pretendem definir ou especificar melhor o que pretende ser transmitido. Dessa divisão criou-se 2 subtemas: o primeiro subtema tem a solução com base na valorização e uso de outros tipos de energia, denominada de energias alternativas e o segundo subtema tem base no aumento de taxas para a produção e venda de combustíveis fósseis, denominado de aumento de impostos sobre os combustíveis fósseis.

Tendo isso em conta vão ser analisados os seguintes extratos:

Extratos 11:

1: Não tens baterias nem painéis solares e afins alternativos suficientes ao petróleo e refinados e carvão já agora. Tens de aumentar a produção para baixar o preço e assim as alternativas ficam mais baratas. Passo a seguir é meteres alternativas a fabricar alternativas. (tweet 1)

2: Não estamos reféns. O aumento dos preços é um poderoso sinal de que devemos deixar de consumir essa energia e é a melhor forma de incentivar o investimento em alternativas. (tweet 1)

3: eu acho q a climaximo, assim como todas as organizações ambientalistas, é favor de maiores impostos nos comb fósseis. Agora não tou a perceber a surpresa ser-se contra lucros extraordinários graças a especulação em tempos de inflação. (tweet 1)

Desde já, é possível diferenciar os dois primeiros excertos do terceiro excerto. Os dois primeiros excertos apresentam uma solução com base no uso de energias alternativas aos

combustíveis fósseis enquanto o terceiro excerto apresenta uma solução baseada em um aumento dos impostos sobre combustíveis fósseis.

Portanto, no primeiro excerto há a sugestão de investimento significativo em energias alternativas para aumentar a produção, de forma a baixar os preços desses tipos de energia para que possam combater com os preços de energias não renováveis e mais poluentes, como é o caso dos combustíveis fósseis. O segundo excerto tem um tipo de ligação similar, vendo uma oportunidade no aumento dos preços de combustíveis fósseis para começar a investir em energias alternativas. Como visto previamente há uma vontade por parte de políticas mais liberais, de esquerda que visem tomar medidas para travar as alterações climáticas em particular a noção de que os governos devem controlar e regular a indústria e o desenvolvimento e financiar fontes de energia alternativas (Fiorino, 2022; Dechezleprêtre et al., 2022).

No terceiro excerto há a referência ao fato de que deve haver um aumento dos impostos em combustíveis fósseis, sendo esse um dos argumentos usados e promovidos por uma grande parte de organizações climáticas. Portanto, há uma concordância com o fato de que essa medida deve ser efetuada como uma das formas de diminuir o uso de combustíveis fósseis.

Capítulo 4

Discussão e Conclusões

No final da última década, assistiu-se a um aumento significativo da atenção dos meios de comunicação social, incluindo as redes sociais, em relação às alterações climáticas (Kunelius & Roosvall, 2021). A importância do espaço digital como um local de debate e discussão tem aumentado à medida que grupos e movimentos vão usando cada vez mais a internet e as redes sociais (Rolfe, 2005; Shirky, 2011; Yilmaz, 2017). O debate sobre o clima como uma crise não deve ser apenas percebido como um tópico na agenda política e pública, mas sim um desafio sistémico que as sociedades enfrentam e que deve ser combatido (Kunelius & Roosvall, 2021).

Assim, esta dissertação de mestrado pretendeu responder à pergunta principal: “Como é que o movimento social de ação climática português Climáximo é representado e discutido no Twitter?” Para além deste objetivo principal foi tentado perceber mais especificamente: 1) São essas representações maioritariamente positivas ou negativas?; 2) De que forma é que essas representações podem ser categorizadas?; 3) Que conteúdos – estereotípicos e não estereotípicos - são mobilizados na construção destas representações?; 4) “Que impacto é que a representação do movimento social Climáximo e dos seus ativistas pode ter para a adoção de ações coletivas pró-ambientais por parte da sociedade mais alargada?”

A revisão de literatura mostrou que o tema é recente e necessita ainda de mais pesquisa. Apesar da TRS ser uma teoria bastante popular e usada nos mais diferentes tipos de áreas, há ainda pouca literatura que relacione especificamente as representações em redes sociais dos movimentos climáticos e dos ativistas climáticos. Percebemos a complexidade do tema e a ausência que possa existir ainda na investigação, uma vez que as alterações climáticas têm tido um impacto cada vez maior na vida das pessoas, mas só recentemente têm sido mais discutidas nas redes sociais.

As representações sociais do movimento social Climáximo, através da análise do material textual publicado no Twitter, foram fortemente marcadas por discussões politizadas, com opiniões opostas entre diferentes grupos. Verificou-se que a rede social utilizada foi uma plataforma que nos permitiu encontrar de forma muito clara esse tipo de posições mais polarizadas e negativas. Isso corrobora o que foi encontrado previamente na literatura.

Os nossos resultados mostram conclusões interessantes que irão ser aqui discutidas. Primeiramente, a representação do movimento social português no *Twitter* caracteriza-se por atitudes e posições maioritariamente críticas e discordantes, com poucos comentários de

concordância e suporte ao protesto realizado. Em relação a esta conclusão, a maioria dos utilizadores no nosso estudo tiveram uma visão maioritariamente negativa do bloqueio da Galp, partilhando o mesmo tipo de ideias. Verificou-se que na maioria dos comentários, a atitude de concordância em relação à ação do Climáximo é relativamente rara. No *tweet* relacionado com a detenção dos manifestantes isso é particularmente notório, com todos os comentários a terem uma atitude de discordância para com o *tweet* apresentado. No entanto, existiu também uma minoria de utilizadores que tentaram interagir com outros de forma a apresentar opiniões diferentes e identificar formas coerentes de haver interações entre os usuários da rede social e discussões mais aprofundadas sobre a legitimidade da ação do Climáximo e a sua relevância. Isso emerge no *tweet* relacionado com o bloqueio da sede da Galp, onde há como exemplo alguns usuários a tentarem apresentar soluções aos problemas relacionados com as alterações climáticas, em comentários codificados enquanto soluções. Essas soluções, remetendo para o aumento dos impostos sobre os combustíveis fósseis e o uso de energias alternativas, apresentam-se como algumas das respostas mais partilhadas no sentido de ajudar a travar as alterações climáticas (Creutzi et al., 2016).

Além disso verificou-se que o conteúdo analisado, os dois *tweets*, mas também os seus comentários foram altamente diversos, misturando humor, ironia, sátira e sinceridade de forma que sejam produzidas publicações e comentários que podem ser divisivas ou polémicas e assim a captar atenção dos utilizadores das redes sociais (Hautea et al., 2021; Malafaia & Meriluoto, 2023). Isso também vai de acordo com Malafaia e Meriluoto (2023), que reportaram que as redes sociais podem ter consequências controversas, tais como a promoção de formas de participação egocêntricas, o reforço dos valores neoliberalistas e a mercantilização do envolvimento dos utilizadores.

Em relação ao tema dos estereótipos, tendo por base os comentários aos *tweets* escolhidos conseguimos concluir que os ativistas climáticos foram representados maioritariamente como incompetentes, inconsistentes e preguiçosos. A inconsistência teve observações interessantes, já que muitos dos comentários relacionados com este subtema têm base num conflito entre a causa coletiva (pró-ambientais) e os estilos de vida individuais dos ativistas (poluidores). Muitos dos comentários são direcionados aos ativistas e em como a sua vida individual vai contra os princípios da organização coletiva da qual fazem parte. Essa opinião é prevalente nos dois *tweets* e está maioritariamente relacionada com críticas associadas ao suposto estilo de vida e pertences dos ativistas climáticos. Além disso, alguns dos comentários associam a inconsistência com a incompetência, relacionando o conflito mencionado previamente com falta de conhecimento, inteligência ou capacidade por parte dos membros do Climáximo.

Tendo isso em conta falarei agora de algumas das conclusões associado à subtema da competência/incompetência. Com base nos comentários às respostas a ambos os tweets analisados, verificou-se que os ativistas eram representados frequentemente como incompetentes. Isso refuta literatura prévia em que os ativistas são representados como competentes (Farinha & Rosa, 2022). O fato da análise ter base na plataforma social Twitter pode ser uma das razões para tal acontecer, já que a rede social é conhecida por ser um espaço virtual que apresenta ambiente favorável para a disseminação de crenças e sentimentos muitas vezes polarizados e de teor depreciativo dos seus usuários (Gehrke & Benetti, 2020). Além disso, Farinha e Rosa (2022) também mencionaram que os ativistas são invejados, mas não há desejo de se afiliarem a eles. Neste estudo corroboramos e verificamos uma parte desta afirmação, já que foram encontradas representações maioritariamente negativas e de insatisfação em relação ao papel de ativista, demonstrando que não há um desejo de afiliação ao movimento por parte destes usuários do *Twitter*. Em relação ao fato de poderem ser invejados, não foram encontrados resultados e comentários que demonstrem esse sentimento e, portanto, isso não pode ser avaliado neste estudo. O resultado encontrado relativo à incompetência das ativistas pode também estar relacionado com o facto de serem sobretudo jovens e poder haver algum tipo de preconceito associado à sua idade. Em ambos os *tweets* foram incluídas imagens dos ativistas a realizar o protesto, verificando-se que uma parte dos apoiantes e membros do movimento social português são jovens adultos ou mesmo menores de idade. Tendo isso em conta, concluiu-se que nos comentários há uma ligação entre incompetência e preguiça e o idadismo, o que pode ser interessante de explorar de forma mais aprofundada em investigação futura, de forma a verificar se os resultados podem ser replicados.

Em forma de resumo, o tema dos estereótipos foi o que esteve presente no maior número de comentários. Isso demonstra que os estereótipos são algo muito incidente e importante quando se investiga os movimentos sociais climáticos nas redes sociais e que deve haver realmente um maior foco em perceber a razão pela qual isso acontece e, porventura, delinear um plano de ação para atenuar esse efeito.

Outro dos temas definidos que teve resultados interessantes foi o das crenças políticas. Um dos subtemas apresenta uma responsabilização pelas alterações climáticas posta no governo através de uma culpabilização pela inação/ inércia no que toca à sua mitigação. Apesar de não ter um grande número de comentários categorizados dessa forma, isto acaba por ser um dado importante e que deve ser discutido. De acordo com Hornsey e Fielding (2020), essa passividade por parte do governo pode ainda estar associado a algum tipo de ceticismo em relação às mudanças climáticas, especialmente em países com muita polarização política.

Complementando a afirmação anterior, foi encontrada investigação indicando que os governos apenas se sentirão forçados a reagir com uma política adequada quando as suas consequências forem visíveis e claramente enquadradas como inevitáveis (Howlett & Kemmerling, 2017).

Há também opiniões polarizadas em relação à forma e tipo de protesto realizado por parte do Climáximo. O fato do movimento social português ter entrado em propriedade privada, a sede da Galp, e terem-se colado às portas para mostrar a sua insatisfação com as políticas da corporação desencadeou duas perspectivas diferentes. Um conjunto de comentários, uma minoria, representou a ação como democrática e necessária de forma a pressionar e transformar normas existentes (Holmberg & Alvinus, 2020). Pensamos que estes comentários estão associados maioritariamente a membros e apoiantes do movimento climático, que se mostraram ativos no seu apoio ao protesto. A outra perspectiva, mais prevalente, indica que a maior parte dos comentários classificados neste tema foram de rejeição e oposição ao protesto realizado. A perceção do protesto enquanto algo antidemocrático é comum. De acordo com Burrows e colegas (2023), os ativistas que se envolvem em táticas de protesto que procuram desencadear mudanças ao desafiar normas existentes podem, em algumas circunstâncias, reduzir o apoio público para um movimento. Esta acaba por ser uma boa explicação para o fenómeno neste estudo, principalmente tendo em conta as características do protesto que foi realizado. No entanto, salienta um problema importante das democracias atuais, em que expressões de protesto e de dar voz a preocupações comuns são facilmente vistas como extremas e até às vezes criminosas e antidemocráticas (Bessant, 2016). Este é um resultado muito preocupante sobre o estado das democracias atuais e o seu futuro e, de forma associada, para a luta climática especificamente (Gulliver et al., 2023).

Em relação ao alvo do protesto, este está direcionado à Galp e às companhias petrolíferas, que de acordo com Climáximo, estão a usufruir de lucros recorde em uma altura em que o uso de combustíveis fósseis devia estar a diminuir. Isto é interessante também analisar do ponto de vista das empresas petrolíferas, que têm tido diferentes perspectivas em relação às mudanças climáticas. As principais companhias petrolíferas do mundo escolheram estratégias de política climática significativamente diferentes, com a empresa europeia Shell a estabelecer um objetivo ambicioso de redução das suas próprias emissões de gases com efeito de estufa (GEE) e investir em energias renováveis (Megura & Gunderson, 2022). Contrariamente, a empresa americana ExxonMobil não estabeleceu quaisquer objetivos de redução para as suas próprias emissões de GEE e não acredita nos investimentos em energias renováveis como uma boa estratégia empresarial, a longo prazo (Skjærseth & Skodvin, 2001). Portanto, verifica-se que mesmo no meio das grandes empresas petrolíferas, há diferentes opiniões e formas de lidar com a

decorrente crise climática e os seus efeitos na nossa sociedade. Tendo isso em conta, a ação do Climáximo mostra-se importante no sentido de sensibilizar e tentar mover um plano de ação das grandes corporações, que como se vê, têm opiniões polarizadas em relação à diminuição do uso de combustíveis fósseis.

Apesar dos contributos que este trabalho traz para esta área de pesquisa ainda em desenvolvimento, o presente estudo também apresenta algumas limitações. É um estudo claramente exploratório, uma vez que ainda existem poucos estudos que estudam esta problemática por esta perspetiva, por ser um tema recente e complexo. Por essa razão, alguns dos temas utilizados têm pouca base teórica e foram baseadas em análise indutiva dos dois tweets escolhidos. Além disso, o fato das redes sociais, neste caso o *Twitter*, apresentarem uma forma de escrita e comunicação muito informal, dependente do seu contexto linguístico, faz com que a compreensão mais profunda do significado dos comentários e respostas seja mais difícil de entender e, porventura, categorizar ou codificar. Importa também salientar que os resultados e conclusões apresentadas são baseados apenas nos Tweets analisados, ou seja, comentários que refletem o posicionamento apenas daqueles/as cidadãs/os que, sendo utilizadores do Twitter, decidiram comentar os dois tweets específicos analisados. Os resultados e conclusões deste estudo têm assim que ser lidos com precaução, tendo em conta que são aplicáveis apenas à minoria vocal que decidiu comentar estes dois tweets.

Em relação a investigação futura, poderá ser pensado ter uma maior quantidade de tweets enquanto alvo de análise de forma a poder haver uma comparação entre eles. As diferenças no seu tema e objetivo principal podem permitir identificar diferenças no tipo de representações sociais apresentadas. Pode também ser interessante ter uma replicação do estudo, tendo em conta movimentos sociais de outros locais e/ou culturas. Fazer a análise das respostas aos tweets com base na figura discursiva e formatos comunicativos ao invés do conteúdo das respostas aos *tweets* pode ser algo também interessante. Esse tipo de análise de discurso usando o *Twitter* é algo que não foi muito explorado na literatura e pode ter resultados interessantes.

O presente trabalho constitui um passo adicional na exploração e melhor compreensão das representações sociais sobre ativistas e movimentos associados às mudanças climáticas nas redes sociais, neste caso, no *Twitter*. Neste sentido, este estudo é uma boa ilustração de como, para a psicologia social e ambiental relacionada com ação coletiva e mudança social é importante ter em conta o tipo de representações sociais envolvidas nas práticas comunicativas que constituem a mudança e ação social. Constitui-se assim também um contributo com implicações práticas importantes, nomeadamente por contribuir para uma melhor compreensão

das implicações que as representações sociais e as redes sociais poderão ter no discurso e ação de movimentos sociais climáticos.

Referências Bibliográficas

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179-211.
- Bamberg, S., Rees, J. H., & Schulte, M. (2018). Environmental protection through societal change: What psychology knows about collective climate action—and what it needs to find out. In *Psychology and Climate Change* (pp. 185-213). Academic Press.
- Barth, M., Masson, T., Fritsche, I., Fielding, K., & Smith, J. R. (2021). Collective responses to global challenges: The social psychology of pro-environmental action. *Journal of Environmental Psychology*, 74, 101562.
- Bashir, N. Y., Lockwood, P., Chasteen, A. L., Nadolny, D., & Noyes, I. (2013). The ironic impact of activists: Negative stereotypes reduce social change influence. *European Journal of Social Psychology*, 43(7), 614-626.
- Batel, S., & Castro, P. (2015). Collective action and social change: Examining the role of representation in the communication between protesters and third-party members. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 25(3), 249-263.
- Batel, S., Castro, P., Devine-Wright, P., & Howarth, C. (2016). Developing a critical agenda to understand pro-environmental actions: contributions from Social Representations and Social Practices Theories. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 7(5), 727-745.
- Bergmann, Z., & Ossewaarde, R. (2020). Youth climate activists meet environmental governance: Ageist depictions of the FFF movement and Greta Thunberg in German newspaper coverage. *Journal of Multicultural Discourses*, 15(3), 267-290.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Bessant, J. (2016). Democracy denied, youth participation and criminalizing digital dissent. *Journal of Youth Studies*, 19(7), 921-937.
- Boucher, J. L., Kwan, G. T., Ottoboni, G. R., & McCaffrey, M. S. (2021). From the suites to the streets: Examining the range of behaviors and attitudes of international climate activists. *Energy Research & Social Science*, 72, 101866.
- Burrows, B., Selvanathan, H. P., & Lickel, B. (2023). My fight or yours: Stereotypes of activists from advantaged and disadvantaged groups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 49(1), 110-124.

- Cammaerts, B. (2007). Jamming the political: Beyond counter-hegemonic practices. *Continuum*, 21(1), 71-90.
- Campos, R., Pereira, I., & Simões, J. A. (2016). Ativismo digital em Portugal: Um estudo exploratório. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (82), 27-47.
- Carr, C. T., & Hayes, R. A. (2015). Social media: Defining, developing, and divining. *Atlantic Journal of Communication*, 23(1), 46-65.
- Castro, P., & Rosa, M. (2023). Understanding the Paradoxical Effects of (Environmental) Activists and Their Discourses: When and How are They Penalized for Seeking Change?. *Environmental Communication*, 1-19.
- Creutzig, F., Fernandez, B., Haberl, H., Khosla, R., Mulugetta, Y., & Seto, K. C. (2016). Beyond technology: demand-side solutions for climate change mitigation. *Annual Review of Environment and Resources*, 41.
- Dawkins, R. (1976). *The selfish gene* (40th-anniversary edition). New York: Oxford University.
- Dechezleprêtre, A., Fabre, A., Kruse, T., Planterose, B., Chico, A. S., & Stantcheva, S. (2022). *Fighting climate change: International attitudes toward climate policies* (No. w30265). National Bureau of Economic Research.
- de Freitas Netto, S. V., Sobral, M. F. F., Ribeiro, A. R. B., & Soares, G. R. D. L. (2020). Concepts and forms of greenwashing: A systematic review. *Environmental Sciences Europe*, 32(1), 1-12.
- De Groot, J. I., & Steg, L. (2008). Value orientations to explain beliefs related to environmental significant behavior: How to measure egoistic, altruistic, and biospheric value orientations. *Environment and Behavior*, 40(3), 330-354.
- de la Sablonniere, R., & Taylor, D. M. (2020). A social change framework for addressing collective action: Introducing collective inertia. *Current Opinion in Psychology*, 35, 65-70.
- Diani, M. (1992). The concept of social movement. *The sociological review*, 40(1), 1-25.
- Farinha, C., & Rosa, M. (2022). Just Chill! An Experimental Approach to Stereotypical Attributions Regarding Young Activists. *Social Sciences*, 11(10), 427.
- Fielding, K. S., Terry, D. J., Masser, B. M., & Hogg, M. A. (2008). Integrating social identity theory and the theory of planned behaviour to explain decisions to engage in sustainable agricultural practices. *British Journal of Social Psychology*, 47(1), 23-48.
- Fine, B. (2002). *The world of consumption: the material and cultural revisited* (Vol. 19). Psychology Press.

- Fiorino, D. J. (2022). Climate change and right-wing populism in the United States. *Environmental Politics*, 31(5), 801-819.
- Fisher, D. R., & Nasrin, S. (2021). Climate activism and its effects. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 12(1), e683.
- Freelon, D., Marwick, A., & Kreiss, D. (2020). False equivalencies: Online activism from left to right. *Science*, 369(6508), 1197-1201.
- Gendron, T. L., Welleford, E. A., Inker, J., & White, J. T. (2016). The language of ageism: Why we need to use words carefully. *The Gerontologist*, 56(6), 997-1006.
- Gehrke, M., & Benetti, M. (2020). Twitter as a news source in data journalism. *Brazilian Journalism Research*, 16(3), 410-431.
- Goswami, M.P. (2018), "Social Media and Hashtag Activism", *Liberty Dignity and Change in Journalism*, Kanishka Publisher, pp.252-262
- Greenberg, J., & Jonas, E. (2003). Psychological motives and political orientation--The left, the right, and the rigid: Comment on Jost et al. (2003). *Psychological Bulletin*, 129(3), 376–382. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.376>
- Greijdanus, H., de Matos Fernandes, C. A., Turner-Zwinkels, F., Honari, A., Roos, C. A., Rosenbusch, H., & Postmes, T. (2020). The psychology of online activism and social movements: Relations between online and offline collective action. *Current Opinion in Psychology*, 35, 49-54.
- Gulliver, R. E., Banks, R., Fielding, K. S., & Louis, W. R. (2023). The Criminalization of Climate Change Protest. *Contention*, 11(1), 24-54.
- Harlow, S. (2012). Social media and social movements: Facebook and an online Guatemalan justice movement that moved offline. *New Media & Society*, 14(2), 225-243.
- Hautea, S., Parks, P., Takahashi, B., & Zeng, J. (2021). Showing they care (or don't): Affective publics and ambivalent climate activism on TikTok. *Social Media+ Society*, 7(2), 20563051211012344.
- Hilfinger Messias, D. K., Jennings, L. B., Fore, M. E., McLoughlin, K., & Parra-Medina, D. (2008). Societal images of youth: Representations and interpretations by youth actively engaged in their communities. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 21(2), 159-178.
- Hoffarth, M. R., & Hodson, G. (2016). Green on the outside, red on the inside: Perceived environmentalist threat as a factor explaining political polarization of climate change. *Journal of Environmental Psychology*, 45, 40-49.

- Holmberg, A., & Alvinus, A. (2020). Children's protest in relation to the climate emergency: A qualitative study on a new form of resistance promoting political and social change. *Childhood, 27*(1), 78-92.
- Hornsey, M. J., & Fielding, K. S. (2020). Understanding (and reducing) inaction on climate change. *Social Issues and Policy Review, 14*(1), 3-35.
- Howarth, C. (2006), "A social representation is not a quiet thing: Exploring the critical potential of social representations theory", *British Journal of Social Psychology*, Vol. 45 No. 1, pp. 65– 86.
- Howlett, M., & Kemmerling, A. (2017). Calibrating climate change policies: The causes and consequences of sustained under-reaction. *Journal of Environmental Policy & Planning, 19*(6), 625-637.
- Huckelba, A. L., & Van Lange, P. A. (2020). The silent killer: Consequences of climate change and how to survive past the year 2050. *Sustainability, 12*(9), 3757.
- Judd, C. M., & Park, B. (1993). Definition and assessment of accuracy in social stereotypes. *Psychological review, 100*(1), 109.
- Kidd, D., & McIntosh, K. (2016). Social media and social movements. *Sociology Compass, 10*(9), 785-794.
- Kunelius, R., & Roosvall, A. (2021). Media and the climate crisis. *Nordic Journal of Media Studies, 3*(1), 1-19.
- Kurz, T., Gardner, B., Verplanken, B., & Abraham, C. (2015). Habitual behaviors or patterns of practice? Explaining and changing repetitive climate-relevant actions. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change, 6*(1), 113-128.
- Lindblom, J., & Jacobsson, K. (2014). A deviance perspective on social movements: The case of animal rights activism. *Deviant Behavior, 35*(2), 133-151.
- Lopes, A. R. (2014). The impact of social media on social movements: The new opportunity and mobilizing structure. *Journal of Political Science Research, 4*(1), 1-23.
- Malafaia, C., & Meriluoto, T. (2023). Making a deal with the devil? Portuguese and Finnish activists' everyday negotiations on the value of social media. *Social Movement Studies, 1*-17.
- Maran, D. A., & Begotti, T. (2021). Media exposure to climate change, anxiety, and efficacy beliefs in a sample of Italian university students. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 18*(17), 9358.
- Marquardt, J. (2020). Fridays for future's disruptive potential: an inconvenient youth between moderate and radical ideas. *Frontiers in Communication, 5*, 48.

- Marques, S., Mariano, J., Mendonça, J., De Tavernier, W., Hess, M., Naegele, L., ... & Martins, D. (2020). Determinants of ageism against older adults: a systematic review. *International journal of environmental research and public health*, 17(7), 2560.
- McCarthy, J. D., & Zald, M. N. (1977). Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory. *American Journal of Sociology*, 82(6), 1212–1241. <http://www.jstor.org/stable/2777934>
- Megura, M., & Gunderson, R. (2022). Better poison is the cure? Critically examining fossil fuel companies, climate change framing, and corporate sustainability reports. *Energy Research & Social Science*, 85, 102388.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Zahar.
- Mueller, A., Wood-Doughty, Z., Amir, S., Dredze, M., & Nobles, A. L. (2021). Demographic representation and collective storytelling in the me too Twitter hashtag activism movement. *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, 5(CSCW1), 1-28.
- Muslim, A., Harun, A., Ismael, D., & Othman, B. (2020). Social media experience, attitude and behavioral intention towards umrah package among generation X and Y. *Management Science Letters*, 10(1), 1-12.
- Nardini, G., Rank-Christman, T., Bublitz, M. G., Cross, S. N., & Peracchio, L. A. (2021). Together we rise: How social movements succeed. *Journal of Consumer Psychology*, 31(1), 112-145.
- Neas, S., Ward, A., & Bowman, B. (2022). Young people's climate activism: A review of the literature. *Frontiers in Political Science*, 4, 940876.
- Niculae, V., & Danescu-Niculescu-Mizil, C. (2016). Conversational markers of constructive discussions. In: *Proceedings of the 2016 Conference of the North American Chapter of the Association for Computational Linguistics: Human Language Technologies*. San Diego, pp. 568–578.
- O'brien, K., Selboe, E., & Hayward, B. M. (2018). Exploring youth activism on climate change. *Ecology and Society*, 23(3).
- PD Guidry, J., D. Waters, R., & D. Saxton, G. (2014). Moving social marketing beyond personal change to social change: Strategically using Twitter to mobilize supporters into vocal advocates. *Journal of Social Marketing*, 4(3), 240-260.
- Plows, A., Wall, D., & Doherty, B. (2004). Covert repertoires: Ecotage in the UK. *Social Movement Studies*, 3(2), 199-219.

- Pickard, S. (2019). Young environmental activists are doing it themselves. *Political Insight* 10, 4–7. doi: 10.1177/2041905819891364
- Pindado, E., & Barrena, R. (2021). Using Twitter to explore consumers' sentiments and their social representations towards new food trends. *British Food Journal*, 123(3), 1060-1082.
- Poortinga, W., Spence, A., Whitmarsh, L., Capstick, S., & Pidgeon, N. F. (2011). Uncertain climate: An investigation into public skepticism about anthropogenic climate change. *Global Environmental Change*, 21, (3), 1015–1024.
- Rateau, P., Moliner, P., Guimelli, C., & Abric, J. C. (2012). Social representation theory. *Handbook of theories of social psychology*, 2, 477-497.
- Räthzel, N., & Uzzell, D. (2019). Critical Psychology– ‘Kritische Psychologie’: challenging environmental behavior change strategies. *Annual Review of Critical Psychology*, 16, 1375-1413.
- Rogers, L. O., Rosario, R. J., & Cielto, J. (2020). The role of stereotypes: Racial identity and learning. In *Handbook of the cultural foundations of learning* (pp. 62-78). Routledge.
- Rolfe, B. (2005). Building an electronic repertoire of contention. *Social Movement Studies*, 4(1), 65-74.
- Rosa, A. L. (2014). Social media and social movements around the world. In *Social Media in Politics* (pp. 35-47). Springer, Cham.
- Sabherwal, A., Ballew, M. T., van Der Linden, S., Gustafson, A., Goldberg, M. H., Maibach, E. W., ... & Leiserowitz, A. (2021). The Greta Thunberg Effect: Familiarity with Greta Thunberg predicts intentions to engage in climate activism in the United States. *Journal of Applied Social Psychology*, 51(4), 321-333.
- Sarrica, M., Farinosi, M., Comunello, F., Brondi, S., Parisi, L., & Fortunati, L. (2018). Shaken and stirred: Social representations, social media, and community empowerment in emergency contexts. *Semiotica*, 2018(222), 321-346.
- Schneider, R. O. (2011). Climate change: an emergency management perspective. *Disaster Prevention and Management*, 20(1), 53–62. doi:10.1108/09653561111111081
- Sharma, S. (2013). Black Twitter? Racial hashtags, networks and contagion. *New formations*, 78(78), 46-64.
- Shirky, C. (2011). The political power of social media: Technology, the public sphere, and political change. *Foreign affairs*, 39, 28-41.
- Skjærseth, J. B., & Skodvin, T. (2001). Climate change and the oil industry: Common problems, different strategies. *Global Environmental Politics*, 1(4), 43-64.

- Stenhouse, N., & Heinrich, R. (2019). Breaking negative stereotypes of climate activists: A conjoint experiment. *Science Communication*, *41*(3), 339-368.
- Swim, J. K., & Geiger, N. (2018). The gendered nature of stereotypes about climate change opinion groups. *Group Processes & Intergroup Relations*, *21*(3), 438-456.
- Tilly, C. (1978). *From Mobilization to Revolution*. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company.
- Tilly, C., & Wood, L. J. (2015). *Social Movements 1768-2012*. Routledge.
- Van Laer, J., & Van Aelst, P. (2010). Internet and social movement action repertoires: Opportunities and limitations. *Information, Communication & Society*, *13*(8), 1146-1171.
- Veltri, G. A., & Atanasova, D. (2017). Climate change on Twitter: Content, media ecology and information sharing behaviour. *Public Understanding of Science*, *26*(6), 721-737.
- Verplanken, B., & Orbell, S. (2022). Attitudes, habits, and behavior change. *Annual Review of Psychology*, *73*, 327-352.
- Vitali, M. M., Presotto, G. C., Gizzi, F., Gomes, M. D. A., & Giacomozzi, A. I. (2021). #BlackLivesMatter: A study of social representations from Twitter. *Community Psychology in Global Perspective*, *8*(1), 1-19.
- Wallis, H., & Loy, L. S. (2021). What drives pro-environmental activism of young people? A survey study on the Fridays For Future movement. *Journal of Environmental Psychology*, *74*, 101581.
- Williams, H. T., McMurray, J. R., Kurz, T., & Lambert, F. H. (2015). Network analysis reveals open forums and echo chambers in social media discussions of climate change. *Global Environmental Change*, *32*, 126-138.
- Wilkins, D. J., Livingstone, A. G., & Levine, M. (2019). All click, no action? Online action, efficacy perceptions, and prior experience combine to affect future collective action. *Computers in Human Behavior*, *91*, 97-105.
- Wilkins, D. J., Livingstone, A. G., & Levine, M. (2019). Whose tweets? The rhetorical functions of social media use in developing the Black Lives Matter movement. *British Journal of Social Psychology*, *58*(4), 786-805.
- Wozniak, A., Wessler, H., & Lück, J. (2017). Who prevails in the visual framing contest about the United Nations climate change conferences?. *Journalism Studies*, *18*(11), 1433-1452.
- Yang, G. (2016). Narrative agency in hashtag activism: The case of #BlackLivesMatter. *Media and Communication*, *4*(4), 13.

Yilmaz, S. R. (2017). The role of social media activism in new social movements: Opportunities and limitations. *International Journal of Social Inquiry*, 10(1), 141-16